



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

WCLERITON SILVEIRA LIMA SANTOS

**A MÚSICA NO PROCESSO DE PESCA DO ARATU NO POVOADO
PORTO DO MATO EM ESTÂNCIA/SE**

São Cristóvão
2022

WCLERITON SILVEIRA LIMA SANTOS

**A MÚSICA NO PROCESSO DE PESCA DO ARATU NO POVOADO
PORTO DO MATO EM ESTÂNCIA/SE.**

Monografia apresentada ao Departamento de Música,
da Universidade Federal de Sergipe, como requisito
para a obtenção do Grau de Licenciado em Música.
Orientadora: Profa. Dra. Mackely Ribeiro Borges

São Cristóvão

2022

Dedico este trabalho a todos os etnomusicólogos que se doam para um melhor entendimento da música na sociedade e, diante da pesquisa realizada, a todas as catadoras de aratu do Povoado Porto do Mato que desempenham sua função com afinco.

AGRADECIMENTOS

Chegou a hora de agradecer e para isso não medirei esforços.

Primeiramente, agradeço a Deus por me proporcionar o dom da vida e a vontade de seguir o caminho da música, só o Senhor sabe o quanto foi árduo e turbulento este período de graduação. Também à Nossa Senhora das Graças e ao Divino Espírito Santos por intercederem por mim.

Agradeço aos meus avós José Zacarias (*in memoriam*) e Enedite (*in memoriam*), meus eternos pais, por sempre me incentivarem, acolherem e apoiarem em tudo. Quanta saudade eu tenho dos senhores.

Agradeço a minha mãe Rosilda e ao meu pai Carlito (louco por música, sempre soube de onde vinha essa vontade minha de fazer música). Obrigado por sempre estarem ao meu lado me apoiando e incentivando nessa jornada. Obrigado por nunca virarem as costas para as minhas escolhas. Amo vocês infinitamente.

Agradeço as minhas irmãs, Ayume e Kaynara, por sempre me acompanharem nas minhas “doidices” e depositarem confiança e respeito em mim. É tanto que, além de irmãs, vocês também são minhas comadres. Amo vocês.

Neste momento agradeço com muito choro de emoção a minha esposa Mayara. Como é bom ter você ao meu lado. Se não fosse você eu não teria coragem de seguir esse sonho. Você que insistiu no último dia de inscrição para que eu me inscrevesse no vestibular de música. Quero pedir perdão por todas as noites que não estive ao teu lado porque precisava ir pra faculdade, por ter te deixado só com nossa filha para correr atrás desse desejo de ser professor de música, por todas as minhas faltas durante este período. Muito obrigado, meu amor. Não sei se seria capaz de tudo isso se não tivesse seu apoio. Você sempre esteve presente. TE AMO, LALINHA!!!

Minha filha Marina Lys, me perdoe por perder alguns dos seus melhores momentos de crescimento. Papai sempre esteve com você na cabeça e no coração. Ah, como EU TE AMO. Espero que um dia você entenda todas as minhas faltas. Era de cortar o coração quando eu estava na UFS e você pedia pra fazer chamada de vídeo chorando de saudades. TE AMO!

Agradeço também as minhas sogras Dona Caçula (avó de Mayara) e Dona Margareth (mãe de Mayara), também as minhas cunhadas Myria e Marylia. Muito obrigado por me aceitarem na família de vocês. Vocês sem dúvidas são minha família número 2. Amo Vocês.

Farei agora um breve agradecimento a todas aquelas pessoas que eu tive o privilégio de ser aluno, desde meu início na música: Dona Belita (*in memoriam*), que me aturava no coral Dó Re Mi, a Breno Vitor, meu primeiro professor de bateria, com 11 anos de idade. Ao meu padrinho Carlito, que sempre acreditou em mim e me deu aula de bateria. Ao maestro Xisto e a toda Lira Carlos Gomes, lugar do meu primeiro contato com partituras e instrumento de sopro. Partindo para o Conservatório de Música, alguns professores que tive despertaram em mim o desejo de ser professor, são eles: Vitor Hugo, Isaac, Clistenes, Manoel, Adriano, Ítalo Neno, Gilmário. Muito obrigado pelos seus ensinamentos.

Seguindo a linha dos agradecimentos aos meus professores, quero agradecer aos da faculdade que me aturaram e passaram todo seu conteúdo, que oportunidade eu tive de estudar com os melhores, são eles: Eduardo Conde Garcia, Rejane Harder, Aline Soares, Priscila Gambary, Christian Lisboa, João Liberato, Alessandro Pereira, Fabiano Zanin, Saulo Ferreira, James Bertich, Fred Andrade. Mackely, daqui a pouco chega sua hora, a senhora merece mais linhas.

Agradeço ao meu primo Fabinho, grande músico autodidata. Desde pequeno te vendo tocar. Não sei se você sabe, mas sempre foi uma inspiração musical pra mim. Sempre estudei música pensando em um dia poder tocar com você e, graças a minha dedicação, pude realizar esse desejo sem fazer vergonha. Sua musicalidade é de grande importância pra mim.

Quem disse que através da música a gente não faz amigos está errado. Agradeço à música por proporcionar minhas melhores amizades. Muito obrigado Magoo, Silas, João Paulo, Cauca, Daniel, Marcos, Vano, Allan Vilanova e toda galera da banda Baile na Vila.

Eita faculdade que vai deixar saudades. Lá fiz algumas amizades muito importantes para mim. Muito obrigado por tudo: Matheus Viana, Romário, Luiz Teles, Alan, Fagner, Toninho, Erick, Fábio Mendes, Leomir, Natan, Guilherme, Wallyce. Muito obrigado por todos os momentos juntos.

Se teve alguém que confiou em mim desde o primeiro período e que eu devo muito do meu aprendizado, essa pessoa foi a professora Mackely. Tive a alegria de estudar com a senhora em todos os períodos que cursei, além de aprender muito sendo seu monitor durante quatro semestres. Não bastasse tudo isso, tive a honra de tê-la como minha orientadora. Sem dúvidas, não existiria pessoa melhor pra me acompanhar. Serei eternamente grato por todos seus ensinamentos e vivências. Muito Obrigado!

Quero pedir desculpa a todos pelo prolongamento, mas não podia deixar de agradecer.

SANTOS, Wcleriton Silveira Lima. **A música no processo de pesca do aratu no povoado Porto do Mato em Estância/SE.** 2022. Monografia (Licenciatura em Música) – Departamento de Música, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

RESUMO

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, tem como objetivo conhecer a música no processo de pesca do aratu do Povoado Porto do Mato, localizado na zona litorânea da cidade de Estância/SE. Para descrever o ritual da pesca e entender os fatores necessários para sua execução, a pesquisa foi realizada em duas etapas: a pesquisa bibliográfica e a de campo. Na primeira etapa a literatura consultada foi fundamental para o entendimento sobre o crustáceo aratu, o tipo de pesca utilizado e quem realiza este tipo de pesca. Na pesquisa de campo foram realizadas entrevistas com as pescadoras de aratu e suas famílias visando entender a importância da música para o processo, uma vez que ela se faz essencial e indispensável. Após o acompanhamento realizado na pesquisa de campo foram feitas transcrições de algumas das melodias utilizadas. A partir da análise podemos conhecer um repertório composto por músicas específicas, utilizadas apenas no processo de pesca, e músicas que fazem parte da vida cotidiana das catadoras, utilizadas não apenas para a pesca.

Palavras-chave: Cantos de trabalho. Pesca do aratu. Catadoras de aratu. Povoado Porto do Mato/SE.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do Porto do Mato	12
Figura 2: O aratu	13
Figura 3: Manguezal no Porto do Mato	14
Figura 4: Catadoras de aratu com seu material de pesca.....	19
Figura 5: Catadoras se deslocando para o manguezal	23
Figura 6: Dona Luzitânia, catadora de aratu em serviço	26
Figura 7: Dona Eliená catando o aratu cozido.....	27
Figura 8: Mapa territorial do estado de Sergipe	29
Figura 9: Povoado Porto do Mato visto de satélite	30
Figura 10: Mapa da cobertura vegetal de Sergipe	32
Figura 11: Aratu cozido	35
Figura 12: Calçados das catadoras.....	39
Figura 13: Construção de viveiros de camarão	40
Figura 14: Viveiros de camarão.....	41
Figura 15: Embarque com destino aos pesqueiros	42
Figura 16: Dona Eliená e dona Luzitânia se deslocando para os pesqueiros	43
Figura 17: Catadora de aratu mudando de pesqueiro	44
Figura 18: Conjunto Musical.....	52

LISTA DE TRANSCRIÇÕES

Transcrição 1: Ostinato feito pelas catadoras de aratu	45
Transcrição 2: Exemplo de melodia com assovio realizada pelas catadoras de aratu	45
Transcrição 3: Exemplo de melodia cantada realizada pelas catadoras de aratu.....	46
Transcrição 4: Variação de melodia cantada realizada pelas catadoras de aratu.....	46
Transcrição 5: Melodia comum entre as catadoras.....	47
Transcrição 6: Melodia Vem cá aratu	48
Transcrição 7: Partitura da música Meu Barquinho.....	49
Transcrição 8: Trecho da Música Meu barquinho executado por dona Eliená.....	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A PESCA DO ARATU.....	12
2.1. O ARATU	13
2.2. A PESCA ARTESANAL	16
2.2.1. O ritual da pesca	20
2.3. AS CATADORAS DE ARATU.....	24
3. O POVOADO PORTO DO MATO.....	29
3.1. A IMPORTÂNCIA DA PESCA DE ARATU PARA A COMUNIDADE	33
4. ELEMENTOS MUSICAIS CONTIDOS NO RITO DA PESCA	37
4.1. REGISTRO MUSICAL	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICE – Termos de participação consentida.....	62

1. INTRODUÇÃO

A pesca do aratu realizada pelas catadoras do povoado Porto do Mato, localizado na região litorânea da cidade de Estância, parte do princípio de um tipo de pesca considerada artesanal, assim chamada por utilizar-se de pouco material para a sua execução e geralmente ser efetuada por mulheres. Este tipo de pesca chama a atenção porque sua realização envolve um ritual em que o fator principal e essencial para sua execução é o canto, que, diante da sua utilização para tal processo, é considerado na etnomusicologia como um canto de trabalho. Perante a importância desse fato, esta pesquisa tem como objetivo descrever o processo de pesca do aratu e o uso da música para esse fim. Também pretende transcrever algumas das melodias utilizadas pelas catadoras, além de apresentar a importância do aratu e sua pesca para a região.

As metodologias utilizadas foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo para entendermos melhor a respeito do aratu, da pesca artesanal, da associação das mulheres à pesca e do rito da pesca, como também conhecermos a localização geográfica e os fatores climáticos e geográficos envolvidos. O objetivo da pesquisa de campo é conhecermos o processo da pesca na prática, desde sua preparação até sua finalização, entendendo o uso da música, a vivência e a experiência das catadoras e suas famílias.

Na pesquisa bibliográfica utilizamos como referência Ferreira (2019) para o conhecimento sobre o aratu. Autor esse que foi também de grande importância no decorrer da pesquisa. Para sanar nossas dúvidas a respeito da pesca artesanal, utilizamos Brandão e Santos (2016). Já no conhecimento sobre a pesca, Fonseca (2015) e Feldens et al (2012) nos explicam sobre os ritos associados aos trabalhos. Mario de Andrade, com sua obra *Ensaio sobre a música brasileira*, nos apresenta o conceito de canto de trabalho. A respeito do Povoado Porto do Mato nossas referências foram os dados do IBGE e a pesquisa de Gomes (2007), intitulada *Caracterização Geoambiental do Povoado Porto do Mato Estância/SE: uma análise do lugar*. A partir dessa obra foi possível fazer uma projeção do que acontece atualmente no povoado com relação à pesca do aratu.

Na pesquisa de campo, buscamos ouvir e colher depoimentos das marisqueiras e pessoas diretamente ligadas a essa prática, como também acompanhamos todo

processo de pesca, gravando e transcrevendo algumas das melodias utilizadas para que fosse realizada uma análise de cunho musical.

Após a Introdução, o segundo capítulo apresenta a pesca do aratu, qual o tipo de pesca é utilizado, o ritual que envolve esse processo e as catadoras de aratu, mulheres que, além de pescar, realizam com grande empenho suas funções de dona de casa.

O terceiro capítulo é dedicado ao Povoado Porto do Mato em Estância/SE. Nele apresentamos sua localização geográfica, seu clima, seu relevo, sua vegetação, também como sua população. Entenderemos também nesse capítulo a importância do aratu para a comunidade, o quanto ele se faz importante para a economia local.

No quarto capítulo descrevemos todo o processo para a realização da pesca do aratu, mostrando também problemas ambientais que afetam com grande força sua execução. Também é nele que apresentamos as transcrições melódicas de algumas das melodias utilizadas, tentando explicar toda magia que ocorre na captura do crustáceo em que a música é indispensável.

No quinto e último capítulo, faremos nossas considerações finais a respeito da pesquisa.

2.1. O ARATU

Segundo Santos et al. (2013, p.28), o aratu é definido como um pequeno caranguejo que se adapta tanto em terra quanto em água, sendo considerado semiterrestre, tem como característica sua velocidade, podendo deslocar-se facilmente entre as raízes e troncos das árvores dos mangues.

Figura 2: O aratu



Fonte: Destaque Notícias.

Disponível em: <<https://www.destaquenoticias.com.br/mangue-seco-onde-reina-o-aratu-5/>> Acesso em: 19 out, 2021.

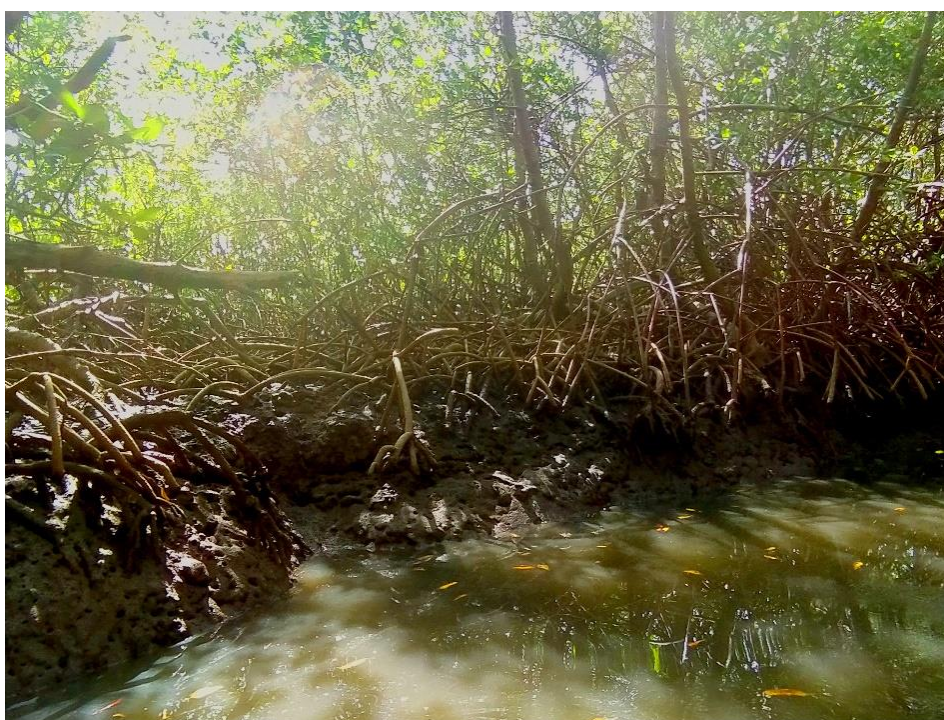
O Aratu é esse crustáceo que parece com um caranguejo, possui cinco patas em cada lado, as quatro patas de trás fazem sua locomoção e as duas da frente, que são as maiores, servem como pinças para transportar seus alimentos até a boca. Possuem um par de olhos que saem da sua dura carapaça quando eles estão em locomoção.

Ainda, segundo Santos et al (2013, p.28), no litoral nordestino do Brasil, o Aratu também pode ser conhecido por vários nomes diferentes: aratu-do-mangue, aratu-vermelho, aratu-vermelho-e-preto, carapinha, bonitinho, anhangá, inajá, maria-mulata, entre outras. Podemos ver a seguir o que diz Maciel et al (2009) citado por Ferreira (2019) em sua dissertação de mestrado a respeito do aratu:

O aratu *Goniopsis cruentata* (Latreille, 1803), é uma espécie de caranguejo pequeno de cor vermelho-escuro e manchas brancas nas patas. Sua ocorrência se dá a partir do atlântico ocidental, o que inclui Bermudas, Flórida, Golfo do México, Antilhas, Guianas e o Brasil (no arquipélago de Fernando de Noronha e do Pará até Santa Catarina) (MACIEL *et al.* 2009 *apud* FERREIRA, 2019, p.45)

Os manguezais são ecossistemas de transição entre os ambientes oceânico e terrestre e abrigam comunidades vegetais típicas de ambientes alagados, resistentes à alta salinidade da água e do solo. (REBELO; MEDEIROS, 1988 *apud* MACIEL; ALVES, 2009, p. 30)

Figura 3: Manguezal no Porto do Mato



Fonte: Wcleriton Silveira Lima Santos

Posteriormente, entenderemos mais sobre o manguezal através do que diz Novelli em sua publicação sobre a situação atual do grupo de ecossistemas.

Os ecossistemas manguezal e marisma geralmente estão associados às margens de baías, enseadas, barras, desembocaduras de rios, lagunas e reentrâncias costeiras, onde haja encontro de águas de rios com a do mar, ou diretamente expostos à linha da costa. São sistemas funcionalmente complexos, altamente resilientes e resistentes e, portanto, estáveis. A cobertura vegetal, ao contrário do que acontece nas praias arenosas e nas dunas, se instala em substratos de vasa de formação recente, de pequena declividade, sob a ação diária das marés de água salgada ou, pelo menos, salobra. A riqueza biológica dos ecossistemas costeiros, faz com que essas áreas sejam os grandes “berçários” naturais, tanto para as espécies

características desses ambientes, como para peixes anádromos² e catádromos e outros animais que migram para as áreas costeiras durante, pelo menos, uma fase do ciclo de vida. (NOVELLI, 1999. p.09)

Na região do litoral de Sergipe há uma grande prevalência de manguezais, locais onde os aratus têm como habitat. Eles estão presentes entre raízes e galhos dos manguezais, alimentando-se da matéria vegetal e/ou animal. O aratu tem grande aceitação gastronômica, por isso é fonte de alimento e renda para populações ribeirinhas.

No processo de pesca do aratu realizado pelas mulheres da região, conhecidas como catadoras de aratu, é notório o relato de que os aratus são atraídos pela audição. Porém, Ruppert e Barnes (1996 apud MARCIEL; ALVES, 2009, p.31) não utilizam o termo audição como órgão sensorial presente nesses crustáceos, e sim os olhos, os estatocistos, pelos sensoriais e proprioreceptores. Vejamos também o que explicam Marciel e Alves a respeito do tema:

Uma vez que não há registro disponível de resultados publicados de experimentos em que tenha sido testada a capacidade auditiva de *G. cruentata*, algumas informações sobre aspectos bio-acústicos de outros crustáceos podem ser consideradas úteis na condição de dados preliminares correlatos. (MARCIEL; ALVES, 2009, p.31)

Este fato leva a entender que o aratu pode ser considerado surdo, fator que nos traz grande surpresa e curiosidade a respeito do assunto.

Em sua obra “Zoologia dos Invertebrados”, um dos principais livros-texto de zoologia em nível universitário no Brasil, Ruppert & Barnes (1996) relatam que os órgãos sensoriais dos crustáceos incluem olhos, estatocistos, pêlos sensoriais e proprioreceptores, embora não cite textualmente o termo “audição” para descrever a percepção sensorial dos crustáceos. Entretanto, todas as catadoras entrevistadas afirmaram que esses animais “escutam” e reagem aos assobios delas. (MARCIEL; ALVES, 2009, p.31)

Diante de todas as informações obtidas até o momento sobre este crustáceo surge a curiosidade a respeito da realização da sua pesca, desde sua preparação, passando pela sua realização e seu processo de finalização.

² São aqueles que vão realizar o processo de migração do mar para ambientes de água doce. Porém, os organismos vão ser eclodidos em ambiente salino e para realizar seu processo de reprodução migram para ambientes limnicos (água doce).

2.2. A PESCA ARTESANAL

Desde os primórdios da humanidade a pesca está presente, esse fato se faz notório a partir do momento em que fósseis de peixes são encontrados por arqueólogos ligando esta atividade à população existente na época.

A pesca é uma das atividades mais antigas do mundo e pode ser classificada em pesca científica, pesca amadora, pesca de subsistência, pesca artesanal ou de pequena escala e pesca empresarial/industrial. Sua existência remonta aos primórdios da humanidade, quando o homem começou a alimentar-se de animais, e não somente de vegetais. Encontraram-se, em lugares arqueológicos do período Paleolítico, vestígios da pesca de aproximadamente 50 mil anos. Juntamente com a caça, foi uma das primeiras profissões do homem. No sul dos continentes africano e europeu, há representações de peixes e cenas de pesca em pinturas rupestres datadas de 25 mil anos atrás. (AFONSO; DIAS, 2007 *apud* GOIABEIRA, 2012. p.20)

Ao pesquisarmos sobre o aratu e sua forma de captura, nos deparamos com um tipo de pesca realizada de forma artesanal e para um maior entendimento sobre estes pescadores, vejamos o que Clauzet et al falam em sua pesquisa a respeito do assunto:

Pescadores artesanais podem ser definidos como aqueles que, na captura e desembarque de toda classe de espécies aquáticas, trabalham sozinhos e/ou utilizam mão-de-obra familiar ou não assalariada, explorando ambientes ecológicos localizados próximos à costa, pois a embarcação e aparelhagem utilizadas para tal possuem pouca autonomia. A captura da pesca artesanal é feita através de técnicas de reduzido rendimento relativo e sua produção é total ou parcialmente destinada ao mercado. Os pescadores artesanais mantêm contato direto com o ambiente natural e, assim, possuem um corpo de conhecimento acerca da classificação, história natural, comportamento, biologia e utilização dos recursos naturais da região onde vivem. (CLAUZET *et al*, 2005 p.1)

Para realizar esse tipo de pesca, não basta apenas querer fazer. Esse processo envolve um grande conhecimento não só acerca da forma como realiza a pesca, mas também conhecimentos biológicos, históricos, sociais e culturais da região, e isso se faz presente nos habitantes do Povoado Porto do Mato.

Segundo Diegues (*apud* RAMIRES *et al.*, 2012, p.1), há milênios, em um tempo antecedente ao Período Neolítico, os homens já desempenhavam esse tipo de pesca, fazendo com que, ao longo da evolução, os pescadores aprendessem características específicas a respeito das espécies capturadas, entendendo o seu ciclo vital, sua reprodução e até a sua concentração. Seguindo esse pensamento, já dizia Diegues *apud* Ramires *et al* (2012, p.1), que as qualidades seculares deste tipo de pesca

trazem muitos benefícios para a população litorânea, aumentando a quantidade de empregos, considerados de grande potencial, que agregam mais conhecimento no setor pesqueiro, contribuindo economicamente e socialmente no desenvolvimento dessa sociedade.

É interessante o que dizem Clauzet et al., a respeito da expansão e evolução da pesca artesanal no Brasil:

A pesca artesanal surgiu de uma falência na economia dos ciclos cafeeiro e açucareiro do Brasil Colônia e, também, devido à necessidade de exploração de outros meios que não fossem os recursos de flora e fauna litorâneas, como o palmito, a caxeta e os animais de caça. Enquanto processo de trabalho, a pesca artesanal encontra-se em contraste com a pesca industrial por ter características bastante diversificadas, tanto em relação aos habitats e estoques pesqueiros que exploram, quanto às técnicas de pesca que utilizam. (CLAUZET *et al*, 2005, p.1)

No Brasil, a pesca artesanal (dados de 2002), foi responsável por 60% das 535.403 toneladas de recursos pesqueiros estuarinos e marinhos desembarcados, (VASCONCELLOS et al., apud RAMIRES et al., 2012, p.1).

Como na maioria das profissões, a realização dos seus procedimentos sempre foi feita especificamente pela população masculina; porém, com relação à pesca artesanal, as mulheres aparecem como executantes em sua grande maioria, uma vez que a pesca artesanal é considerada de menor conceito em relação aos outros tipos de pesca. Geralmente os homens se responsabilizam pelo tipo de pesca considerada mais bruta, enquanto as mulheres se tornam marisqueiras, uma vez que o principal meio de pesca artesanal é a pesca de mariscos: mariscagem.

Entendamos melhor pelas palavras de Figueiredo com relação a essa divisão de atividades por gênero na pesca:

A atividade pesqueira é tida como uma prática essencialmente masculina. Na realidade existe uma divisão social do trabalho por gênero, nas comunidades pesqueiras, e muitas mulheres sobrevivem da pesca, geralmente da mariscagem, mesmo sendo esta uma atividade de menor prestígio dentro da pescaria. Estas mulheres têm nos mangues costeiros o seu espaço de trabalho e fonte de subsistência devido, em parte, à sua exclusão da pesca em alto mar. (FIGUEIREDO, 2011, p.01)

As técnicas e abordagens aplicadas pelas catadoras durante o processo da pesca são aprendidas e passadas de geração em geração. Fato que vem sendo apresentado em algumas pesquisas como, por exemplo, a de Brandão e Santos, em que eles citam o que Figueiredo diz a respeito:

O trabalho com a pesca é, histórica, social e antropologicamente, dividido por gênero nas comunidades pesqueiras, devido às relações hierárquicas de poder estabelecidas, nas quais, via de regra, as mulheres sobrevivem da pesca de mariscos, atividade considerada de menor prestígio, por ser realizada nos estuários, nos manguezais, enquanto os homens são responsáveis pela pesca em alto-mar. Dessa forma, a mariscagem é desempenhada predominantemente pelas mulheres, sendo considerada uma forma de pesca artesanal, por ser atividade de baixo impacto ambiental, em que são utilizados instrumentos rudimentares, fabricados em sua maioria pelas próprias mulheres. Todavia, a comunidade reconhece a existência da mulher na atividade da pesca, assim como a do homem nas atividades de mariscagem. Porém, independente da atividade realizada, as mulheres possuem, no âmbito local, a identidade de marisqueira e os homens de pescador. (FIGUEIREDO *et al apud* BRANDÃO; SANTOS, 2016, p.156)

De acordo com a pesquisa realizada pelo IBAMA (2004, n.p.), mesmo a pesca artesanal do aratu acontecendo em todo o litoral nordestino, apenas Bahia, Pernambuco e Sergipe se destacam neste quesito, tendo ênfase para Sergipe com 78,6 toneladas (1,3% da produção de pescado) do Estado. Valores sólidos são apresentados na citação da pesquisa de Brandão e Santos como podemos ver a seguir:

Segundo dados do Registro Geral da Atividade Pesqueira do Ministério da Pesca e Aquicultura (BRASIL, 2010), Sergipe é o único estado brasileiro que possui, oficialmente, um percentual superior de mulheres atuando na pesca artesanal. Os dados demonstram que 54,9% dos registros referentes ao ofício correspondem às mulheres pescadoras e 45,1% se referem aos homens, o que é um grande avanço, uma vez que a atividade pesqueira é, historicamente, tida como uma prática essencialmente masculina, o que contribui para a invisibilidade do trabalho da mulher na realização desta prática. (BRASIL *apud* BRANDÃO; SANTOS, 2016, p.156)

O método de pesca mais utilizado pelas marisqueiras do Povoado Porto do Mato, Estância-SE, se faz pelo modo mais simples de realização da mariscagem, utilizando-se de pouco material (vara, linha, isca e recipiente para armazenamento), sem causar qualquer agressão ao meio ambiente.

Figura 4: Catadoras de aratu com seu material de pesca



Fonte: Wcleriton Silveira Lima Santos

É notório saber que esse método de pesca não é o único conhecido no litoral brasileiro. Em outras regiões, existem outros tipos de procedimentos utilizados para a captura do aratu, como a exemplo: os aratuzeiros de Povoação São Lourenço – Goiana-PE, comunidade esta que tem a pesca do aratu como forma de subsistência. (SANTOS *et al*, 2013, p.28)

Conforme Santos *et al* (2013, p.28), a forma como acontece a pesca nos aratuzeiros de povoação São Lourenço, localizado na cidade de Goiana-PE, é considerada de muita agressão ao ecossistema, uma vez que acontece no período da noite, sob influência da luz da lua minguante e maré baixa. Os catadores utilizam uma lanterna para iluminar com foco os crustáceos, os quais ficam parados com a influência da luz e são facilmente capturados. Este tipo de pesca é considerado agressivo, pois os catadores não fazem seleção apenas dos maiores e assim levam os aratus de todos os tamanhos e fases de vida. Uma forma de pesca com menos esforço e mais lucros. Mais uma vez, podemos entender melhor sobre essa pesca com atração luminosa através do que nos fala Freitas (2004) em Santos *et al.*, na pesquisa já citada anteriormente:

A pesca com atração luminosa (utilizando lamparina a querosene ou lanterna a gás) também é bastante utilizada na captura do aratu-da-pedra *Plagusia depressa* (Fabricius, 1775), que habita fissuras dos arrecifes da costa pernambucana. O impacto resultante da captura de todos os indivíduos ao alcance do pescador, ou seja, sem nenhum critério de seleção, contribuiu

para provocar a sobrepesca dessa espécie no litoral sul de Pernambuco, apenas duas décadas depois do seu início, na década de 1960. (FREITAS, 2004 *apud* SANTOS *et al.* 2013 p.28)

Infelizmente, com o aumento do volume da pesca a partir desse método, alguns pescadores locais e até outros pescadores de outras regiões estão começando a utilizar esse tipo de pesca também no Porto do Mato. Fator esse que está preocupando as associações do município que lutam por ajuda legislativa para tentar regulamentar a pesca do aratu e tomar providências quanto ao tipo de pesca predatória. Como podemos entender melhor na fala de Djalma, presidente da Associação de pescadores do povoado Massadisso, outro local de pesca da região:

Sempre foi usado o canto para atrair a atenção do aratu, porém ultimamente nós estamos muito preocupados. Preocupados ao ponto de estarmos buscando um parlamentar federal, não sabemos quem, para termos uma conversa e ser criada uma lei, uma legislação específica para o defeso do aratu e da ostra. Porque aprenderam um novo sistema de pegar o aratu que é a noite com a lanterna. E aí eles pega tudo [sic], de qualquer jeito e qualquer tamanho. O aratu ele se reproduz a cada quinze dias, porém a quantidade de aratu que se pega a noite é tão grande que o aratu está ficando escasso, está acabando. Esse tipo de pesca virou febre no litoral de Sergipe todo. E para esse tipo de pesca vão os homens e as mulheres também porque se tornou bem mais fácil, rápido e prático. (Informação verbal³)

A partir do pressuposto do método de pesca menos agressivo, utilizando vara e linha e ainda presente na maioria do litoral nordestino, entendamos o papel das catadoras de aratu, levando como fator de grande importância a música, através do canto das catadoras, ponto de partida principal para a realização da nossa pesquisa.

2.2.1. O ritual da pesca

Diante de todo processo que se faz necessário para a realização deste tipo de pesca artesanal, é essencial entendermos o processo ritualístico que acontece para a sua execução e que, para as catadoras, é indispensável. Para a nossa pesquisa é de grande importância entendermos a utilização da música como ponto principal do rito.

³ JESUS, Djalma José de: depoimento [26 out. 2021]. Entrevistador: Wcleriton Silveira Lima Santos. Estância, 2021.

Os rituais podem despertar no ser humano uma curiosidade quanto a sua realização, sendo ele de qualquer natureza. O fato desde rito ser realizado no trabalho e utilizar música como função essencial para a sua concretização, pode ajudar no desenvolvimento de uma pesquisa interessante.

Num estudo mais detalhado sobre o tema foram localizadas várias outras pesquisas nas regiões litorâneas do país envolvendo a pesca do aratu. Porém, sempre se voltavam para outras áreas como: gastronomia, história, biologia, geografia e antropologia. Já existem pesquisas realizadas sobre a comunidade pesqueira do povoado Porto do Mato, porém, de cunho antropológico.

Surge, assim, o interesse em privilegiarmos, nesta pesquisa, o aspecto etnomusicológico, no sentido de investigar a prática musical atrelada ao processo da pesca, uma vez que não se tem informações de estudos que abordam esse direcionamento. As palavras a seguir de Natiez et al., nos dão uma explicação interessante sobre o que a etnomusicologia estuda:

A etnomusicologia estuda a música de diversos grupos étnicos e comunidades culturais de todo o mundo. Oscilando, ao longo de seu percurso histórico, entre a análise científica de sistemas musicais e a descrição etnográfica de seus contextos socioculturais, a etnomusicologia é não só um ramo da musicologia, como também um ramo da antropologia ou da etnologia. (NATIEZ et al., 2020, p.1)

Uma vez que a música parece se mostrar inevitável para o acontecimento do fato, entenderemos o papel cultural da relação da música com as ações de trabalhos da pesca. Mário de Andrade, etnomusicólogo de grande importância, define a utilização da música associada ao trabalho como “Cantos de Trabalho”. A utilização deste termo se tornou peculiar para essa ação. Fonseca traz isso em um trecho da sua pesquisa realizada em 2015 a respeito desta intitulação.

Produzir o pão, roçar o mato, puxar a rede, amassar a farinha, pilar o milho, quebrar o coco, lavrar a terra, consertar o açude, fazer a casa, limpar a trilha na mata. Atividades difíceis e árduas, em que o suor escorre, as mãos latejam e os corpos se curvam à labuta e à necessidade. Sob o sol, a chuva, no breu da noite ou no clarão do dia, por vontade, fé ou precisão, só ou acompanhado, entre olhares cúmplices e no ritmo de movimentos fortes e plenos. Em grupo, cantam e se movimentam nas batidas que dão ritmo ao trabalho, com braços que se movem, corpos que se dobram e desdobram, numa só voz e pulsação. O compasso marcado embala a todos num só golpe, música e trabalho tornando mais ameno o cotidiano, fazendo o tempo fluir e a dor ganhar a companhia da mão que bate, do corpo que vibra e da voz que canta. É a vida congregando pessoas e consolidando comunidades em torno de atividades e encontros em que cooperação, partilha e celebração se interpenetram, unindo fazeres expressivos a afazeres necessários. (FONSECA, 2015. p.10)

Até chegarmos na etapa em que a música é utilizada como parte fundamental para a realização da pesca, se faz necessário conhecermos todo o processo ritualístico que envolve esse acontecimento. Uma citação importante a respeito desse assunto feita por Feldens et al., nos faz entender melhor a utilização do rito:

Os rituais envolvem sujeitos, tempos e espaços, conforme determinados objetivos, procedimentos, técnicas, utensílios. Cantos, danças, festas, vestimentas, comidas, podem compor e expandir o conceito de ritual. É nesse sentido que as expressões ritualísticas das marisqueiras se configuram rituais de pesca, e não estão atreladas a uma religião ou misticismo, mas sim a um conhecimento da natureza e seus signos. Rituais que produzem a identidade local, repassando e educando suas crianças (meninas) com conhecimento do pescado e o quebrar de Aratu. (FELDENS et al., 2012. p.06)

Com base nas observações realizadas, ao acompanharmos o momento da pesca do aratu, percebe-se que as catadoras seguem para o meio dos manguezais com o corpo todo coberto para evitar o ataque dos mosquitos, deixando apenas o rosto de fora. O processo da pesca não acontece em grupos e sim de uma forma individual. As catadoras, assim como são chamadas, levam uma vara com tamanho entre 1,0 e 1,5 metros, com o pedaço de cordão de nylon amarrado a sua extremidade, constituindo uma vara de pesca. Como isca, elas utilizam um crustáceo morto, muitas vezes o próprio aratu. As marisqueiras levam um recipiente para servir de local de armazenamento dos pescados, geralmente uma lata grande com uma pequena abertura para evitar a fuga dos crustáceos, sendo que estes utensílios também servem como instrumentos percussivos. Um pedaço de galho do manguezal é usado como baqueta para gerar barulho. Esses sons emitidos são essenciais para chamar a atenção desses animais, despertando uma curiosidade no crustáceo; todo esse rito de pesca é embalado por cantorias e assovios realizados pelas catadoras.

As mulheres deslocam-se até o mangue geralmente em grupos, mas, ao chegar ao local de captura, começam a se dispersar, de modo a não interferir no trabalho umas das outras. A distância cria as condições para que a catadora desenvolva sua performance particular em relação aos aratus: uma dança comportamental de cada caçadora com sua caça potencial. Afastada de suas colegas, a catadora procura um espaço aberto entre as raízes-escoras (as “gaiteiras”, como dizem) para subir ou se apoiar e se prepara para fazer o “pesqueiro”. Posiciona o recipiente de coleta e percute a lata com a vara, em ritmo constante. Colhe galhos verdes dos arbustos e também tamborila os troncos, produzindo mais sons ritmados. Em seguida, a catadora desenrola a linha e expõe a isca presa na ponta (muitas vezes, um aratu morto: o canibalismo faz parte da dieta onívora desses caranguejos) e faz vibrar a vara em movimentos laterais do braço, enquanto o resto do corpo permanece em repouso. Move-se apenas o braço do lado em que a vara é empunhada, fazendo do artefato vara-linha-isca uma extensão do braço (e da mão) e todo esse compósito ciborgue (HARAWAY, 1991), a porção animada da encantadora de aratus. (FERREIRA; VIANA, 2019, p. 242)

Devido ao contato direto dos pesquisadores com algumas marisqueiras, acompanhando-as em seus trabalhos, são variadas as formas de explicação para nos apresentar como acontece a pesca. Porém, apesar de cada uma ter seu modo de explicar, todas chegam a um denominador comum.

Figura 5: Catadoras se deslocando para o manguezal



Fonte: Wcleriton Silveira Lima Santos

O processo começa partindo desde o horário correto da maré, a preparação das vestes e materiais, o deslocamento em direção aos manguezais, onde lá se posicionam e começam seus respectivos trabalhos. Dona Eliená, uma catadora de aratu que aprendeu desde pequena, nos descreve a seguir a forma como se faz para poder conseguir pegar o aratu.

Tem uma varinha com uma linha e uma isca do próprio aratu, um balde, a lama que vem aqui no meio do joelho, as vezes passa do joelho, no meio da coxa que pra sair de lá de dentro do mangue dá trabalho, sem contar o mosquitinho Muruim que morde que não é brincadeira, e tem as Mutucas também que são pesadas também. E aí, o aratu que é meio bobo, do próprio aratu pequeno a gente pega e coloca na linha, e ali a gente chega lá nos galhos do mangue, bate um monte de folhas no chão e começa a chamar o aratu. A gente canta, assovia, bate no balde. Isso depende de cada uma, pois cada pegadora tem sua maneira. Eu mesma, canto, bato no balde e assovio chamando ele: Uru uru uru uru, mas não pode se mexer no jogar da linha, só pode mexer o braço, porque se a gente se mexer o corpo ou fizer qualquer

outro movimento, perdeu a pesca porque eles saem na carreira, embalados. (Informação verbal⁴)

Outro ponto interessante é saber que as catadoras se reúnem em grupos de mulheres geralmente da mesma família para se deslocarem ao ponto de realização da pesca. Como nos revela em entrevista a Sra. Arlene, que além de marisqueira também é uma defensora dos direitos dos pescadores.

Nós saímos para pescar pela manhã bem cedo e em grupo, trabalhamos em regime de família. Na hora de pescar é todo mundo junto. Na hora de cozinhar e de quebrar também é todo mundo junto e ainda vem mais da família pra ajudar. Para nós a pesca do aratu é uma ciência, porque quanto mais você canta, quanto mais você faz barulho, mais você consegue pegar. Mas se você cantar ou assoviar, é o que mais pega. O canto mais comum é o “assoveio” e “cantozinho” mais comum que se canta. Cada um faz o que acha melhor. Uns canta, assovia. E o que vale é cantar. `Porque assim não tem estresse que bata ali, não tem a tristeza que encosta naquela hora, na verdade é uma terapia. Ir pegar aratu é uma terapia. (Informação verbal⁵)

Já conseguimos entender melhor o ritual da pesca do aratu e vimos que na região pesquisada sua realização é feita na grande maioria das vezes por mulheres, então conheceremos a partir de agora as catadoras de aratu.

2.3. AS CATADORAS DE ARATU

As pessoas que realizam a pesca do aratu são conhecidas de forma diferente a depender da região, porém, observa-se que são mais comumente chamadas de catadoras de aratu ou marisqueiras, uma vez que o aratu é um marisco, como já explicado anteriormente.

A mariscagem é uma arte de pesca exercida majoritariamente por mulheres (ADOMILLI, 2009), que se caracteriza pela extração/cata de moluscos e crustáceos no solo lodoso dos ecossistemas de manguezais. Assim, essas mulheres se autodenominam marisqueiras e são detentoras de conhecimentos amplos e ancestrais. (SANTOS; RAMOS FILHO. 2020. p.1)

As catadoras de aratu desempenham grande função na pesca artesanal, já que este tipo de pesca está relacionado em sua maioria das vezes às mulheres. É uma

⁴ SOBRINHO, Eliená do Nascimento: depoimento [14 dez. 2020]. Entrevistador: Wcleriton Silveira Lima Santos. Estância, 2020.

⁵ COSTA, Arlene Oliveira da: depoimento [28 out. 2021]. Entrevistador: Wcleriton Silveira Lima Santos. Estância, 2021.

atividade que não requer tanto esforço físico ao ser comparada com os outros tipos de pesca e não agride o meio ambiente e as ferramentas utilizadas são feitas com materiais simples. Essas mulheres, além de pescadoras, geralmente também são responsáveis por cuidar de suas casas, criar seus filhos. Porém, enfrentam muitos obstáculos, especialmente quando o assunto é valorização e reconhecimento profissional, visto que há diferenças em termos salariais e direitos sociais. (SOUZA et al., 2015)

Infelizmente, a baixa escolaridade nessas comunidades é uma grande verdade, uma vez que as mulheres muitas vezes tiveram que deixar a escola para irem aos manguezais pescar.

Muitas delas seguem este caminho por falta de opção ou falta de coragem para enfrentar novos rumos, acomodando-se a esse modo de vida, uma vez que o rito da pesca do aratu já está presente em seu ciclo vital de forma mais natural, do qual aprenderam e desenvolveram tudo isso com suas mães e/ou avós, já que desde crianças as acompanhavam ao mangue, por não terem com quem ficar ou até para fugirem dos afazeres de casa, uma vez que consideravam a pesca como algo divertido. Este aprendizado passado de geração em geração pode ser melhor entendido com o que diz Feldens et al., em sua pesquisa a respeito do assunto:

Mães marisqueiras, 'chefes de famílias' que transformam o seu trabalho em prática educativa oral, repassando todo o conhecimento do ser marisqueira para suas filhas. Mulheres que cantam e encantam com músicas e assobios para atrair o crustáceo, porque simplesmente suas mães lhes ensinaram. (FELDENS et al., 2012 p.2)

Todo conhecimento adquirido pelas marisqueiras mostra o domínio dessas mulheres em diversas áreas de conhecimento, aprendizados naturais, esses que se fazem valer para a execução da atividade de pesca, uma vez que não basta apenas saber pescar, tem que entender também das fases das marés, fator primordial para a execução da pesca, como explica uma das nossas entrevistadas, Dona Eliená Sobrinho:

[...] o dia a dia da marisqueira depende do horário da maré, se a maré for cedo, a catadeira de aratu já pega no tranco logo cedo, e passa aproximadamente de cinco a seis horas de trabalho no manque, se a pesca der boa, se o aratu tiver bom, ela ainda se consegue de dois a três quilos de catado, dependendo das condições do dia [...] (Informação verbal⁶)

⁶ SOBRINHO, Eliená do Nascimento: depoimento [14 dez. 2020]. Entrevistador: Wcleriton Silveira Lima Santos. Estância, 2020.

“Tem mulheres que se pudessem viveriam diretamente na maré pra não tá em casa, nas confusões de casa com os maridos. Então assim, pescar pra elas também é como se fosse um remédio”. (Informação verbal⁷)

Figura 6: Dona Luzitânia, catadora de aratu em serviço



Fonte: Wcleriton Silveira Lima Santos

Ao conversarmos com seu Djalma, um entendedor do assunto, presidente de uma associação de pescadores de um outro povoado da cidade que também realiza este tipo de mariscagem, perguntamos a ele a respeito da pesca do aratu ser realizada por mulheres e ele nos explica de uma forma peculiar:

Normalmente parece praga, mas 90% dos pescadores de aratu são mulheres. É muito difícil você encontrar um homem ir para a gaiteira do mangue cantarolar, cantar e pegar aratu. Normalmente o pescador que é o homem, ele coloca no barco, sai, deixa a mulher descansar no mangue onde tem aratu e vai fazer a pesca dele. Quando ele volta, ele retorna e pega a mulher. (Informação verbal⁸)

⁷ COSTA, Arlene Oliveira da: depoimento [28 out. 2021]. Entrevistador: Wcleriton Silveira Lima Santos. Estância, 2021.

⁸ JESUS, Djalma José de: depoimento [26 out. 2021]. Entrevistador: Wcleriton Silveira Lima Santos. Estância, 2021.

O serviço realizado pelas marisqueiras não acaba com o fim da pesca e sua volta para casa, uma vez que a forma mais comum de comercialização e geração de renda por conta do aratu é através da venda da sua carne pura.

O catado de aratu nada mais é que toda carne consumível retirada do crustáceo. Isso se torna possível porque ao chegar em casa as catadoras ainda tem um grande trabalho. Elas levam os aratus ao fogo, dentro de panelas ou caldeirões cheios de água para realizar seu cozimento. Após os aratus estarem cozidos, inicializa-se o processo conhecido como a quebra aratu, onde elas irão retirar toda a carne cozida.

Observando este feito, percebemos que, para chegar a juntar um quilo de catado, uma marisqueira experiente realiza este processo entre uma hora e meia e duas horas, horas estas que perduram durante o resto do dia.

Figura 7: Dona Eliená catando o aratu cozido

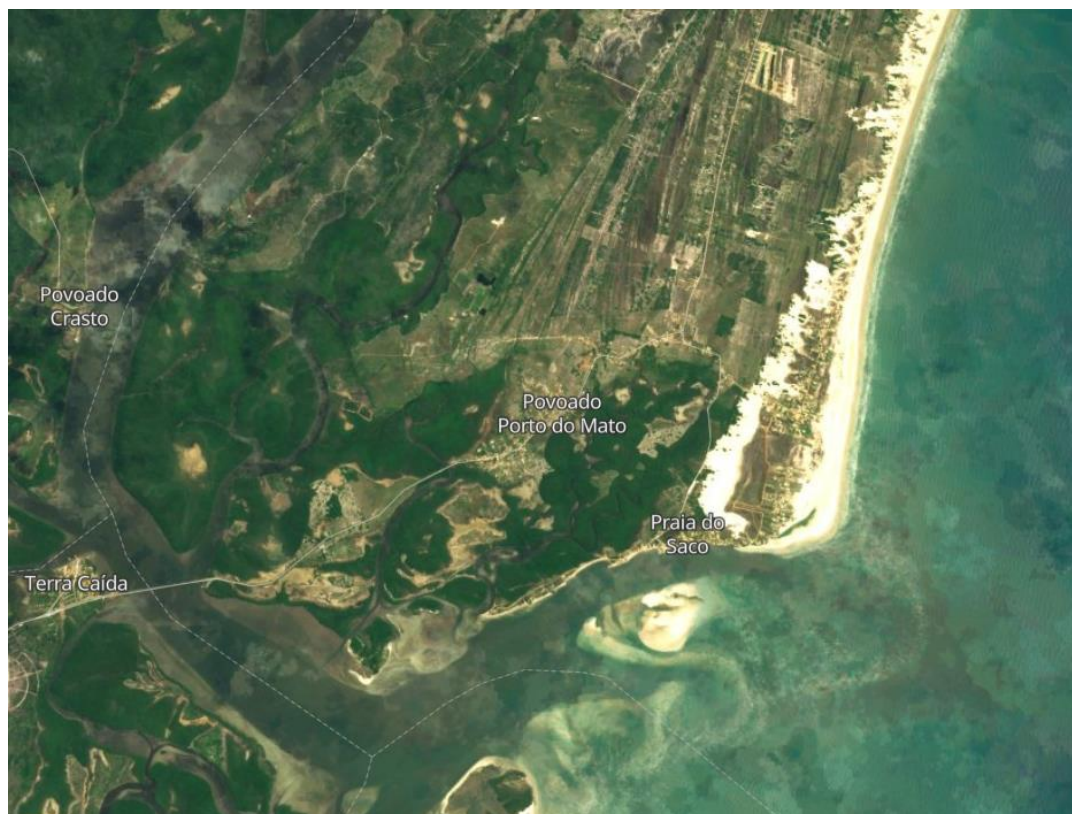


Fonte: Wcleriton Silveira Lima Santos

A Dona Eliená Sobrinho, uma das nossas entrevistadas, nos diz com toda convicção: “A vida de uma catadeira de aratu não é mole não. Tem que ter o dia todo de dedicação.” (Informação verbal)

A partir de agora, conheceremos melhor sobre o povoado Porto do Mato e todos os fatores que o ligam a esta prática pesqueira. Desde o entendimento geográfico, como clima, vegetação, hidrografia, até o que acontece com a economia local em relação ao aratu.

Figura 9: Povoado Porto do Mato visto de satélite



Fonte: *Google Earth*.

Disponível em:

<[https://google-](https://google-earth.gosur.com/?gclid=CjwKCAiA6seQBhAfEiwAvPqu1xidQZCmD1lc0mR00OeTRKUwMS7mfELQzt-MOtlcnwMbXaYpq_QsuhoC5PUQAvD_BwE&ll=-11.41052941270486,-37.35527950400581&z=11.648142696641148&t=satellite)

[earth.gosur.com/?gclid=CjwKCAiA6seQBhAfEiwAvPqu1xidQZCmD1lc0mR00OeTRKUwMS7mfELQzt-MOtlcnwMbXaYpq_QsuhoC5PUQAvD_BwE&ll=-11.41052941270486,-37.35527950400581&z=11.648142696641148&t=satellite](https://google-earth.gosur.com/?gclid=CjwKCAiA6seQBhAfEiwAvPqu1xidQZCmD1lc0mR00OeTRKUwMS7mfELQzt-MOtlcnwMbXaYpq_QsuhoC5PUQAvD_BwE&ll=-11.41052941270486,-37.35527950400581&z=11.648142696641148&t=satellite)>

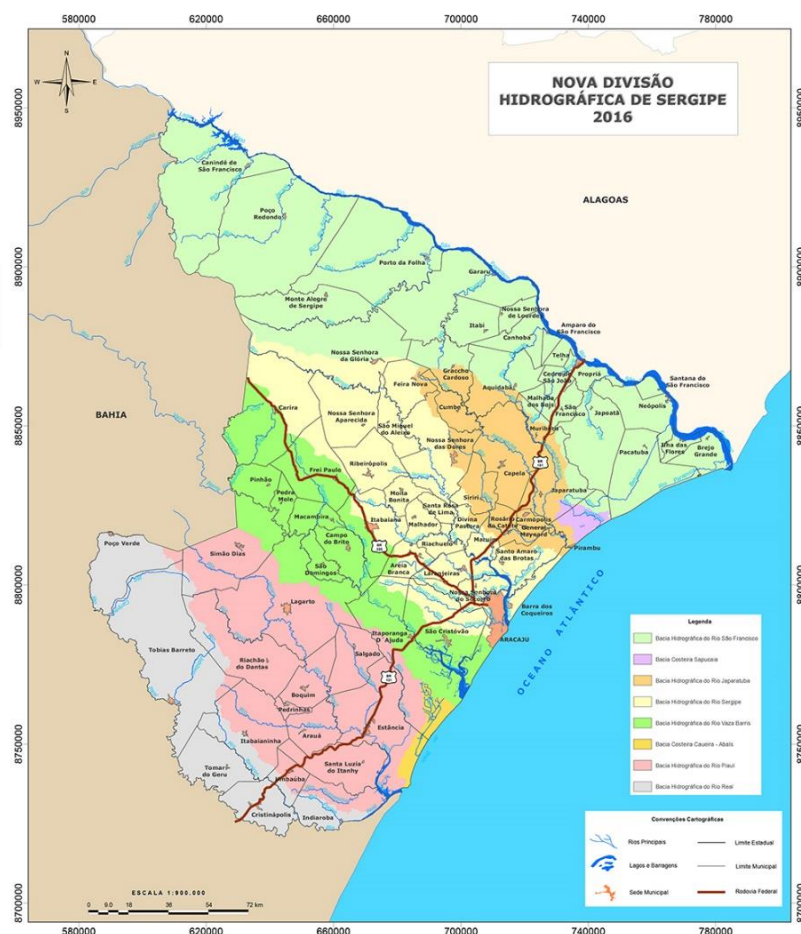
Acesso em: 22 out. 2021.

Um fator primordial para a realização da pesca do aratu no povoado é a sua localização em relação às bacias hidrográficas do Estado. Podemos entender melhor isso através do que diz Gomes em sua pesquisa realizada em 2007 a respeito das características geoeconômicas do Porto do Mato.

Em relação à hidrografia o povoado é banhado pelas bacias dos rios Piauí e Real, sendo ambas ricas em cursos d'água. A primeira tem como rio principal o Piauí, que nasce na serra dos Palmares no município de Riachão do Dantas e drena as terras da região Centro-Sul na qual o município de Estância está inserido. Entre os seus principais afluentes, destaca-se o rio Piautinga (banhando o último município citado, do qual o povoado Porto do Mato faz parte). Já a segunda bacia, tem como rio principal o Real, que nasce na serra do Tubarão no município de Poço Verde-SE, na divisa com o estado da Bahia, banhando terras sergipanas apenas na margem esquerda. Deságua, junto com o Rio Piauí no oceano Atlântico, através do imenso estuário (estuário do Piauí-Real, conhecido como estuário do Mangue Seco), localizando-se nas proximidades do povoado Porto do Mato. (GOMES, 2007. p.109)

Essa explicação também pode ser entendida ao observarmos o mapa com a nova divisão hidrográfica de Sergipe.

Figura 10: Mapa da nova divisão hidrográfica de Sergipe



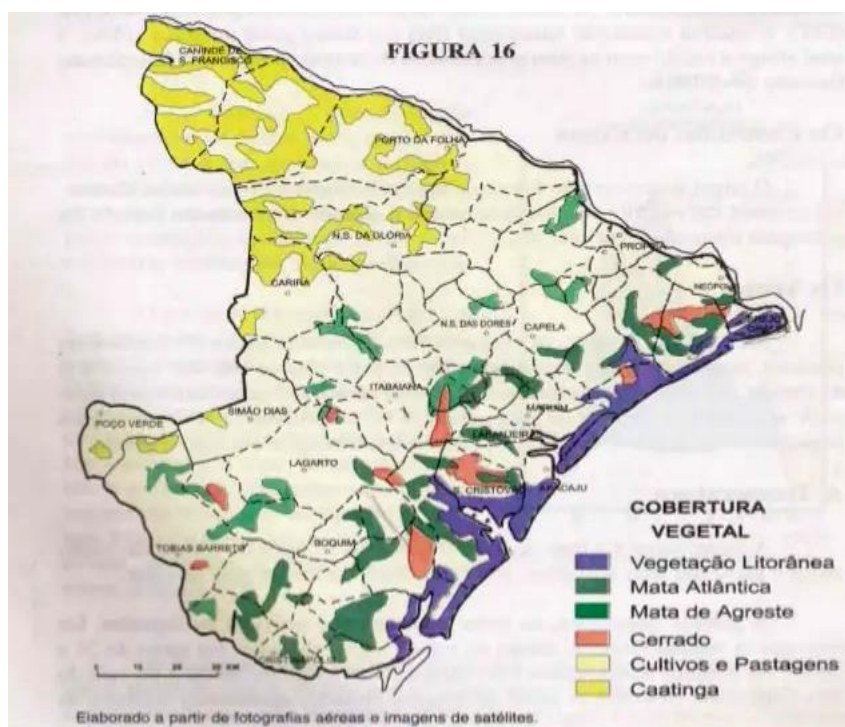
Fonte: Governo de Sergipe. Disponível em:
<https://www.se.gov.br/noticias/desenvolvimento/sergipe-tem-nova-divisao-hidrografica>.
 Acesso em: 22 out. 2021.

Outro fator propício para a existência do aratu na região do povoado Porto do Mato, é o tipo de vegetação predominante naquela localidade e isso também pode ser melhor entendido na pesquisa de Gomes, já citada anteriormente.

Como consequência do clima sub-úmido, do solo arenoso e da localização da área no curso inferior de rios, a vegetação predominante é composta por manguezais, bem como restingas, sendo esta herbácea por influência da brisa marítima que impede o desenvolvimento de arbustos e árvores. Afastando-se do litoral têm-se resquícios de Mata Atlântica e vegetação do tipo Cerrado. Dos tipos vegetais citados, vale destacar a presença dos manguezais, que ocupam as margens das ilhas estuarinas e a planície fluvio-marinha, presentes nessa área. Este ecossistema é de fundamental importância para as comunidades locais, incluindo a do povoado Porto do Mato, pois muitas famílias se utilizam deste para sobreviver através da pesca, principalmente do aratú e do caranguejo. (GOMES, 2007. p.110)

O mapa a seguir ilustra a cobertura vegetal do estado, possibilitando um melhor entendimento a respeito.

Figura 10: Mapa da cobertura vegetal de Sergipe



Modificado. Fonte: Nova Geografia de Sergipe, 1996. Disponível em:
<https://pt.slideshare.net/professoruilson/geografia-de-sergipe>
 Acesso em: 22 out. 2021.

Quando nos referimos à quantidade de habitantes do povoado, infelizmente não chegamos a um quantitativo exato, uma vez que procuramos o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em sua sede na cidade e não obtivemos resposta, pois a parte de atendimento do órgão ainda não voltou aos atendimentos por conta da pandemia do Coronavírus. A população do município de Estância é de estimados 69.919 habitantes segundo dados do ano de 2021 informados no site do próprio órgão⁹.

Fazendo um comparativo, as informações contidas na pesquisa de Gomes (2007, p.110) mostram que a população do município no ano 2000 era de 58836

⁹ <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/se/estancia.html>> Acesso em: 28 out. 2021.

habitantes e 769 indivíduos apenas no povoado Porto do Mato. Estima-se que a população hoje esteja em torno de 1000 pessoas no povoado.

Conforme o Boletim Estatístico da Pesca nos Litorais de Sergipe e Extremo Norte da Bahia (2014, p. 34), Estância possuía 1424 pescadores, incluindo as marisqueiras. Esses estão divididos em quinze pontos de desembarques monitorados pelo PMPDP¹⁰. São eles: Porto do Mato, Povoado Cana Brava, Povoado Loredó, Farnaval, Maculanduba, Bica Porto da Areia, Miranguinha, Miranga, Porto da Lagoa, Porto do Ouricuri, Porto da Curimã, Porto do Massadisso, Povoado do Gravatá e Porto do Tibúrcio.

Quando nos referimos à solidificação dos dados através de um controle estatístico em relação à pesca no município, nos deparamos com a falta deste material, o que é notório na fala do seu Djalma:

O município comete esse grande pecado de não ter esse controle. Eu digo pecado, porque hoje nas pesquisas poderia estar também a pesca como uma cultura que ajuda no desenvolvimento da cidade. Porém, o município não tem esse controle. Mas nós temos dados por nós fazermos parte do Peacc-Programa de Educação Ambiental com Comunidade Costeira, nós temos quantitativos levantados pelo PMPDP – programa de monitoramento participativo de desembarque pesqueiro, que é um programa que nasceu dentro da Petrobrás junto com a Universidade Federal de Sergipe paralelo ao PEAC junto com a área de Geografia da Universidade. (Informação verbal¹¹)

Com base nas informações apresentadas, tanto de cunho geográfico quanto histórico e econômico, entendamos agora o quão importante é o aratu para a comunidade do Povoado Porto do Mato.

3.1. A IMPORTÂNCIA DA PESCA DE ARATU PARA A COMUNIDADE

O aratu é considerado o principal produto de comercialização no Porto do Mato, gerando renda para o sustento da população pesqueira, porque além de ser vendido para fora da região (centro da cidade, outros povoados, outras cidades e até outros

¹⁰ “Projeto de Monitoramento Participativo do Desembarque Pesqueiros. Projeto realizado pela UFS/PETROBRAS/FAPESE, como medida mitigadora do Licenciamento Ambiental Federal conduzido pelo IBAMA” (Boletim Estatístico da Pesca nos Litorais de Sergipe e Extremo Norte da Bahia. 2014, p. 9)

¹¹ JESUS, Djalma José de: depoimento [26 out. 2021]. Entrevistador: Wcleriton Silveira Lima Santos. Estância, 2021.

estados), o Porto do Mato também possui atrativos turísticos próximos com vários bares e restaurantes em que o prato principal servido é o aratu.

Por conta da procura pelo marisco, as marisqueiras chegam a processar em um único mês cerca de uma tonelada no mínimo do produto final, gerando uma boa renda, como nos conta a Sra. Arlene:

O aratu é o carro chefe de Porto do Mato, né, o pessoal da praia aqui é onde sai no mínimo uma tonelada por mês. Quando a safra é boa, sai mais, quando tá bom de pesca, principalmente no verão, não é sempre que dá, mas se for um período bom chega a 2000 quilos por mês. Elas conseguem vender pra fora do estado e pra dentro do estado. Hoje em dia as marisqueiras podem vender o aratu no preço que quiser, mas antigamente elas vendiam num preço muito baixo para o trabalho delas. Hoje a estimativa do quilo de quebrado de aratu é de 45 a 50 reais. Quando é pros comerciantes do povoado mesmo, vendem o quilo entre 35 e 40 reais, mas se for pra turismo é 50 reais. (Informação verbal¹²)

Quando é citado o quebrado de aratu, estamos nos referindo ao aratu processado, ou seja, após capturado o aratu é cozido e após esse cozimento é retirada toda a parte comestível do marisco, processo que requer muito tempo e habilidade, também pode ser chamado de catado de aratu.

Conforme o Boletim Estatístico da Pesca nos Litorais de Sergipe e Extremo Norte da Bahia (2014, p.26), para chegarmos ao peso de um quilo do marisco vivo são necessários em torno de quarenta unidades do crustáceo. E, ainda segundo o mesmo boletim (2014, p.26), para gerar um quilo do catado são necessários três quilos do marisco vivo.

¹² COSTA, Arlene Oliveira da: depoimento [28 out. 2021]. Entrevistador: Wcleriton Silveira Lima Santos. Estância, 2021

Figura 11: Aratu cozido



Fonte: Wcleriton Silveira Lima Santos

Para uma melhor organização e orientação às marisqueiras e pescadores, no povoado existe uma associação denominada Associação de Marisqueiras e Pescadores do Povoado Porto do Mato. Essa organização é responsável pelo monitoramento do local em relação à pesca, além de conscientizar os associados a respeito de vários fatores relacionados a pesca, tais como: a preservação do ambiente; a valorização do produto e o direito de reconhecimento à profissão.

A Associação, conforme Ata, foi fundada em março de 2012. A princípio era apenas uma Associação de Marisqueiras e depois viu-se a necessidade de incluir os homens. Tem como presidente nos dias de hoje a Sra. Arlene Oliveira da Costa, nossa entrevistada, que, além de fazer parte da associação, também compõe outros movimentos relacionados às marisqueiras, como: Coordenadora no estado do Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais do Brasil (MPP), Coordenadora da Articulação Nacional das Pescadoras (ANP) e Coordenadora do Movimento de Marisqueiras do Estado de Sergipe (MMS). E aqui ela nos fala um pouco sobre o papel da associação:

A associação de mais de doze anos, mas registrada ela já vai fazer dez anos próximo ano em março. A gente começou na época com 26 marisqueiras quando foi registrada em 2012 e hoje nós temos mais de 800 pescadores porque no início ela só era uma associação para marisqueiras, criada com o apoio da Petrobrás por conta do impacto ambiental no povoado e por saber que as mulheres eram as mais prejudicadas, foi criada a associação. Mas depois a gente conversando com a diretoria, a gente viu que não era justo não incluir os homens, onde quais os filhos delas a partir dos 12 anos já se inserem na pesca artesanal, pegando siri, ostra, puxando rede. Aí, daí, a gente com questão de dois, três meses já mudou, né, a ata para incluir os homens. A nossa função é dar direito e igualdade a todo pescador, porque antigamente as mulheres não sabiam valorizar o seu pescado, passando para os atravessadores. E nós estamos lá pra dar esse suporte, porque sabemos que todos esses pescadores e marisqueiras são profissionais como qualquer um outro profissional. Paga seu INSS em dias e infelizmente as vezes estão tendo seus direitos retirados. (Informação verbal¹³)

Segundo informações da associação, no Porto do Mato hoje tem em média umas 350 ou mais marisqueiras. Mulheres que tiram o seu sustento por conta do aratu, sururu, da pesca artesanal em geral.

Por conta de toda essa procura, e falta de informações concretas, acredita-se que o povoado seja o que mais produz o marisco na cidade, conforme nos conta a presidente da associação.

Agora que já conhecemos melhor o povoado Porto do Mato, passaremos então para um melhor entendimento da utilização da música no rito da pesca, compreendendo seus elementos musicais ali contidos.

¹³ COSTA, Arlene Oliveira da: depoimento [28 out. 2021]. Entrevistador: Wcleriton Silveira Lima Santos. Estância, 2021

4. ELEMENTOS MUSICAIS CONTIDOS NO RITO DA PESCA

Partindo da frase da marisqueira Arlene: “Se não cantar, eles não vêm.” Notamos a necessidade fundamental da música para a realização da pesca do aratu.

Podemos atribuir essa frase a vários autores, uma vez que ela se tornou um denominador comum nas entrevistas realizadas com as marisqueiras e pescadores da região. Além de encontrá-la em diversas pesquisas de cunho acadêmico como, por exemplo, na pesquisa de Ferreira a respeito do *Canto e encanto no encontro do aratu com o humano*. (2019, p. 241.)

Esta utilização de música através de melodias cantadas ou rítmicas marcadas associadas a algum afazer de trabalho é chamada de “canto de trabalho”. Esse termo ficou mais comum no Brasil a partir das pesquisas realizadas por Mário de Andrade¹⁴, Luiz Heitor Correia de Azevedo¹⁵, Câmara Cascudo¹⁶ e Edison Carneiro¹⁷. (FONSECA, 2015. p. 14). Um exemplo de referência onde esse termo pode ser encontrado é no trabalho intitulado *Ensaio sobre a música brasileira* de 1928, escrito por Mário de Andrade.

Alguns autores manifestaram interesse em pesquisar sobre o assunto e até a criar alguns subtópicos para esses cantos, tentando organizá-los. Visualizamos bem esse acontecimento numa pesquisa de Fonseca (2015), em que ele menciona algumas divisões de cantos de trabalho criadas pelo próprio.

Embora sejam incontáveis as formas de organização do trabalho marcadas por participações coletivas consensuais, gostaria de apontar três delas que, creio, resumem suas principais modalidades. A primeira é aquela que acontece em função das necessidades pontuais de determinado grupo social, que se organiza coletivamente para resolução de uma demanda específica, como a capina de um terreno, a feitura ou cobertura de uma casa, o transporte

¹⁴ “Mário de Andrade (1893-1945) foi um escritor brasileiro. Publicou ‘Pauliceia Desvairada’ o primeiro livro de poemas da primeira fase do Modernismo. Além de poeta, foi romancista, contista, crítico literário, professor e pesquisador de manifestações musicais e excelente folclorista.” (FRAZÃO, 2021) Disponível em: <https://www.ebiografia.com/mario_andrade/> Acesso em: 05 out, 2021.

¹⁵ O musicólogo Luiz Heitor Corrêa de Azevedo passou a atuar, em 1939, como “folclorista”, no meio universitário, depois de passar no concurso para professor da Cadeira de Folclore, da Escola de Música da Universidade do Brasil, atual UFRJ. (MENDONÇA, 2007. p. 10)

¹⁶ “Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) foi um folclorista, historiador, professor e jornalista brasileiro. Foi um dos mais importantes pesquisadores das manifestações culturais brasileiras.” (FRAZÃO, 2021) Disponível em: <https://www.ebiografia.com/luis_da_camara_cascudo/> Acesso em: 05 nov. 2021.

¹⁷ “Advogado e escritor brasileiro nascido em Salvador, Estado da Bahia, estudioso dos temas afro-brasileiros, tornando-se a maior autoridade nacional com relação aos cultos de origem africana e os problemas de aculturação dos africanos.” (Biografias - Unidade Acadêmica de Engenharia Civil / UFCG, 2021) Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/biografia/edison-souza-carneiro.htm>> Acesso em: 05 nov. 2021

de utensílios, veículos ou maquinário pesado ou o reparo de alguma construção, entre tantos exemplos. Outra é aquela que se dá regulada por certa periodicidade que necessariamente obedece a processos de interação com ciclos da natureza, estruturando relações e posições em torno das atividades coletivamente partilhadas, sejam elas de plantio e colheita na roça ou de espera e coleta, como nas puxadas de rede nas pescarias. Há ainda outra modalidade, que é aquela ligada a ofícios e fazeres tradicionais, individuais ou corporativos, que envolvem atividades cotidianas e rotineiras, como as de remeiros, vaqueiros, fiandeiras, rendeiras, destaladeiras, mineiros e inúmeras outras profissões. (FONSECA, 2015. p.12)

O canto de trabalho é tão comum e utilizado de várias formas que no próprio município de Estância podemos encontra-lo em outras atividades trabalhistas, como no pisa-pólvora¹⁸, nas lavadeiras de roupa à beira dos rios, vendedores de picolé, feirantes e muitos outros.

Este ato de cantar ao trabalhar é mais comum no nosso cotidiano do que imaginamos. Quando passamos numa feira livre, por exemplo, e escutamos algum vendedor oferecer seu produto cantando, ele está executando um canto de trabalho. Na maioria das vezes, esses cantos são utilizados associados a serviços considerados mais pesados e, nesse caso, servem tanto como conforto para amenizar o cansaço físico como motivacional, gerando forças para a continuação do trabalho. Vigarani (2020) fala sobre esse tipo canto de trabalho em sua pesquisa.

É possível presumir que os cantos de trabalho, portanto, contemplam esses diferentes sentidos do trabalhar, porque embora acompanhando a atividade árdua do movimento muitas vezes repetitivo e cansativo, também contribuem para que a ação individual seja realizada no coletivo. Nesse contexto, as noções temporais e do desgaste físico são positivamente influenciadas pelo ato de cantar. (VIGARINI, 2020. p. 21)

Um dos primeiros registros fonográficos realizados sobre cantos de trabalho foi realizado pelo compositor e folclorista Béla Bartók, como assim nos fala mais uma vez Fonseca em sua pesquisa do ano de 2015 para o catálogo Sonora Brasil.

O compositor e folclorista húngaro Béla Bartók foi dos primeiros a produzir registros de áudio de cantos de trabalho com o intuito de pesquisa, praticamente abrindo o campo da investigação musical para o uso de gravações fonográficas (TRAVASSOS, 1997). Ele centrou suas observações nas práticas musicais do povo magiar do leste europeu registrando e gravando amplo repertório em que constam também músicas de pedintes e ligadas aos ambientes de trabalho. A metodologia de trabalho e o acervo que

¹⁸ Momento em que os fogueteiros e seus ajudantes se reúnem para misturar os componentes para a fabricação da pólvora. (NONATO et al., 2015, p.3.) Pólvora essa que servirá para a fabricação dos fogos de artifício que serão queimados pelos próprios fogueteiros e comercializado para a população. A queima dos fogos é realizada no mês de junho na cidade de Estância em comemoração aos tradicionais festejos juninos da cidade.

consolidou foram pioneiros para o campo das pesquisas etnográficas sobre práticas musicais. (FONSECA, 2015. p. 13)

O que nos chama a atenção em relação ao canto de trabalho relacionado à pesca do aratu é o fato de que, além de ser utilizado com o propósito de suprir o cansaço que o trabalho e a fadiga que a pesca traz, os aratus são atraídos pelo canto.

4.1. REGISTRO MUSICAL

Para poder realizar o registro musical da pesca do aratu, foi necessário acompanhar as catadoras em alguns dias de pesca. Momentos considerados comuns para essas mulheres, porém, de caráter ímpar para o pesquisador.

Todas as catadoras vestem calças e blusas de manga comprida para a proteção do corpo contra os mosquitos e para proteger os pés enquanto estão no mangue; muitas delas fazem seus próprios calçados costurados com borrachas encontradas nas câmeras de ar dos veículos, como podemos ver na imagem a seguir:

Figura 12: Calçados das catadoras



Fonte: Wcleriton Silveira Lima Santos

Para acompanhá-las, foi necessário nos adequar às vestimentas, reforçar o calçado e, a todo momento, dentro do mangue, fazer a utilização de repelentes, uma vez que somos a todo tempo atacados por mosquitos.

Um fato que chamou a atenção antes de se iniciar o processo de pesca propriamente dito foi no deslocamento para o manguezal. Pois, é bastante notório o desmatamento dessa vegetação realizado pelo homem para a construção de imensos viveiros de camarão, como podemos perceber nas imagens a seguir:

Figura 13: Construção de viveiros de camarão



Fonte: Wcleriton Silveira Lima Santos

Figura 14: Viveiros de camarão



Fonte: Wcleriton Silveira Lima Santos

Com a construção desses viveiros, os aratus estão perdendo seu habitat natural e num futuro próximo, caso não haja uma preservação, esse fato ajudará na sua extinção.

Essa intervenção do homem, através da construção dos viveiros, causa um grande impacto, não só na destruição dos manguezais, mas também na vida dos pescadores e catadoras de aratu, uma vez que, na maioria das vezes para chegar ao local de preparação da pesca, se faz necessário passar por dentro da área dos viveiros e os proprietários proíbem esse translado com cercados e até com a utilização de seguranças. Isso torna obrigatório uma grande alteração em toda a logística, uma vez que os pescadores têm que procurar outros caminhos e meios para chegar aos pesqueiros.

Ao acompanhá-los no caminho para a pesca do aratu, percebemos que em alguns viveiros é permitida a passagem por pequenos caminhos específicos e em outros, não. Notando isso, pergunto por que só podemos seguir aquele caminho e o senhor Carlos Alberto, pescador que estava levando as marisqueiras, nos conta por que esse acesso se fez possível:

Eles não queriam deixar nós passar pra ir pescar [sic.], então a nossa família também disse a eles que eles não podiam entrar pros viveiros com os caminhão tudo pesado [sic.] pelas nossas terras. Se eles não deixavam, a gente também não. Então o dono resolveu deixar a gente passar só pra poder entrar com seus carros até os viveiros por dentro das terras da família. (Informação verbal¹⁹)

Vale a pena ressaltar o quanto aquela cena dos viveiros é impactante, o quanto de prejuízo terá a natureza e como tudo isso afeta a população ribeirinha.

Voltando ao acompanhamento do processo de captura do crustáceo, após caminharmos por alguns minutos, chegamos ao local onde entramos num barco e transitamos até os locais de pesca do aratu, também chamados de pesqueiros pelas catadoras. Esse traslado pode ser feito pelas próprias catadoras ou também por algum pescador da família e demora mais alguns minutos.

Figura 15: Embarque com destino aos pesqueiros



Fonte: Wcleriton Silveira Lima Santos

¹⁹ SANTOS, Carlos Alberto Pereira dos: depoimento [13 nov. 2021]. Entrevistador: Wcleriton Silveira Lima Santos. Estância, 2021

Figura 16: Dona Eliená e dona Luzitânia se deslocando para os pesqueiros



Fonte: Wcleriton Silveira Lima Santos

Ao chegar no meio do manguezal, cada catadora desceu em um pesqueiro geralmente próximo ao outro e se posicionou em cima das gaiteiras para iniciar a pesca. Quando aquele local está ruim para a pesca, sem aratus, muitas vezes elas se deslocam para outros lugares (pesqueiros), precisando atravessar a pé o braço da maré, como podemos ver na foto a seguir:

Figura 17: Catadora de aratu mudando de pesqueiro



Fonte: Wcleriton Silveira Lima Santos

Ao se posicionarem, neste exato momento percebemos o primeiro contato com a música: no início do ritual de pesca, as catadoras quebram alguns galhos do manguezal e começam a bater nas outras galhas, fazendo ostinatos²⁰, rítmicos frequentes durante alguns segundos. Esses sons também podem ser produzidos batendo a vara de pesca no recipiente para depositar os aratus. Um exemplo de ostinato observado pode ser representado pelo trecho a seguir:

²⁰ “Termo italiano que significa obstinado. É uma célula rítmica ou melódica, um motivo rítmico ou melódico, ou mesmo uma frase musical persistentemente repetidos”. (GLOSSÁRIO CANTA MAIS, 2015) Disponível em: <<https://www.cantarmais.pt/pt/formacao/glossario/O>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

essa melodia principal como um motivo²³, podem ser gerados improvisos com base nele, porém sempre a melodia principal será executada.

As catadoras também variam os assovios com outras melodias cantadas, utilizando-se de sílabas como podemos ver na representação transcrita a seguir:

Transcrição 3: Exemplo de melodia cantada realizada pelas catadoras de aratu²⁴



Fonte: Transcrição de Wcleriton Silveira Lima Santos

Nesse exemplo melódico, elas também utilizam duas notas com intervalo de uma segunda maior, porém, nesse caso, após cantarem a primeira nota, fica-se repetindo a nota mais grave até voltar para a nota superior, sempre realizando vibratos.

Como no assovio, também são notórias algumas variações desta melodia utilizado estas sílabas, vejamos a seguir um exemplo de variação:

Transcrição 4: Variação de melodia cantada realizada pelas catadoras de aratu²⁵



Fonte: Transcrição de Wcleriton Silveira Lima Santos

²³ “Pequena ideia musical, seja ela rítmica, melódica ou harmônica. Um motivo é vulgarmente identificado como a menor parte de um tema ou frase que ainda mantém sua identidade como uma ideia.” (GLOSSÁRIO CANTA MAIS, 2015) Disponível em:

<<https://www.cantarmais.pt/pt/formacao/glossario/m/3>> Acesso em: 19 nov. 2021.

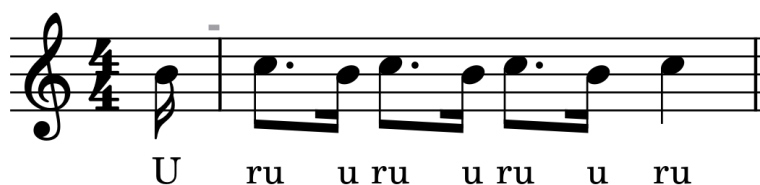
²⁴ Acompanhe através no link: <<https://youtu.be/xlafYaQkj8I>>

²⁵ Acompanhe na prática algumas variações das melodias através do link: <<https://youtu.be/SO2TqlxdLSM>>

Para a realização dessas melodias, as catadoras emitem os sons utilizando a voz de cabeça, esse termo é utilizado para explicarmos quando a emissão dessas notas soa com a ressonância mais sentida na cabeça, ou seja, a sensação de vibração. Isso acontece em notas com frequências mais altas, como explica melhor Cláudia Pacheco e Tutti Baê no seu livro intitulado *Canto: equilíbrio entre corpo e som: princípios da fisiologia vocal*.

Outra melodia bastante executada na região pelas catadoras e a qual se tornou mais comum quando com a população local a respeito do canto do aratu pode ser visualizada através da transcrição a seguir:

Transcrição 5: Melodia comum entre as catadoras



Fonte: Transcrição de Wcleriton Silveira Lima Santos

Nessa melodia, analisamos que ela é realizada também com duas notas, porém neste exemplo, elas mantêm uma distância intervalar de segunda menor. Nesta representação acima, a melodia é iniciada por uma anacruse²⁶ de semicolcheia e utilizando para preencher um tempo do compasso, uma colcheia pontuada seguida de uma semicolcheia, deixando soar por todo tempo a última nota.

É sempre importante lembrar que as melodias não ocorrem obrigatoriamente com essa altura, podendo variar entre notas mais graves ou mais agudas, isso depende de cada pescadora.

Conseguimos registrar também um canto utilizando uma frase para chamar o aratu. “Vem cá aratu.” Quando perguntado a respeito dessa melodia, as catadoras Eliená e Luzitânia informaram que ela é menos utilizada hoje em dia e era mais

²⁶ “É a nota ou grupo de notas que se executam no começo de uma frase musical, antes do tempo apoiado. É comum dizer-se, nesse caso, que uma peça musical, ou uma frase, tem uma entrada em anacrusa.” (GLOSSÁRIO CANTA MAIS, 2015) Disponível em: <<https://www.cantarmais.pt/pt/formacao/glossario/a/2>> Acesso em: 19 nov. 2021.

cantada pelas catadoras mais antigas. Podemos entender melhor através da representação transcrita abaixo:

Transcrição 6: Melodia Vem cá aratu²⁷



Fonte: Transcrição de Wcleriton Silveira Lima Santos

Também se faz notório nos registros da pesquisa a utilização do canto de músicas de comum conhecimento num amplo repertório brasileiro. Sendo executadas as mais variadas melodias possíveis, desde cantos de louvor, relacionados à música gospel, músicas de forró, cantos de roda, sambas, entre outras. Tendo como exemplos: “Se essa rua fosse minha” dos autores Mário Lago e Roberto Martins, “Asa Branca” escrita por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. O que importa é associar a música ao trabalho de pescar.

Quando as catadoras cantam outras músicas, elas geralmente não executam toda a melodia e sim alguns trechos, às vezes uma estrofe, partes da estrofe, refrão ou partes do refrão.

Um dos vários exemplos que podemos citar de outras melodias cantadas é a música *Meu Barquinho*, música do gênero gospel, escrita pelo compositor Moises Cleyton, que ficou bastante conhecida através da interpretação da cantora Giselli Cristina.

Registramos essa música sendo cantada por dona Eliená, e ao perguntarmos posteriormente o porquê da escolha, ela nos explica que é por ela ser de religião evangélica e gostar muito da música, mostrando que as melodias executadas estão diretamente relacionadas as suas vidas além da pesca.

Conheça este exemplo:

²⁷ Acompanhe através no link: <<https://youtu.be/UqsvEcxHPQg>>

Transcrição 7: Partitura da música Meu Barquinho

Meu Barquinho

Música gospel interpretada por Giselli Cristina

Moises Cleyton

O ven-to ba-lan - çou, meu bar-coem al - to mar. O me-do me cer -

4 cou, e quis me a - fo - gar. Mas en-tão eu cla - mei, ao fi-lho de Da -

7 vi, e - le me es-cu - tou, por is-soes-tou a - qui. O ven-to elea-cal -

10 - mou, ome-do re-pre-en - deu, quan-doe-le or-de - nou, o mar o-be-de - ceu.

14 Não te-mo mais o mar, pois fir-mees-tá minha fé, no meu bar-quinho es -

17 tá Je-sus de Na-za - ré. Seo me-do me cer - car__ ou seo ven-to so -

20 prar, Seu no-meeu cla - ma - rei E - le me guar-da - rá. Não te-mo mais o

23 mar, pois fir-mees-tá minha fé, no meu bar-quinho es - tá Je-sus de Na-za -

26 ré. Seo me-do me cer - car__ ou seo ven-to so - prar, Seu no-meeu cla - ma -

29 rei E - le me so - cor - re - rá.

Fonte: Transcrição de Wcleriton Silveira Lima Santos

Ao analisarmos a catadora cantando essa música e fazendo um comparativo com a melodia original citada, percebemos que não existe um padrão rítmico a ser seguido, como se estivesse cantando em forma de *ad libitum*²⁸ sem seguir a métrica dos compassos. Outra forma de explicação para esta forma de canto é através do uso de rubato²⁹. Também é notório a alteração da melodia, trocando alguns tempos das notas, como, por exemplo, colcheias sendo trocadas por semicolcheias. Notamos que, nesse caso, a tonalidade não foi alterada devido ao contato frequente da pescadora com a música, fazendo com que a altura da melodia siga o original. Esse fato acontece porque, mesmo sem um conhecimento musical específico, esta melodia é tão frequente no seu dia a dia que ela consegue executá-la no tom original sem precisar de uma referência sonora.

Nesse caso, ela executou apenas a primeira estrofe da música. Podemos notar estas alterações na transcrição a seguir:

Transcrição 8: Trecho da Música Meu barquinho executado por dona Eliená

O ven-to ba-lan - çou, meu bar - coem al-to mar. O me-do me

cer-cou, e quis me a - fo-gar. Mas en-tão eu cla-mei,

ao fi-lho de Da-vi, e-le me es - cu-tou, por is-soes-tou a-qui.

²⁸ “É uma expressão latina que significa ‘à vontade’, ‘a bel-prazer’, frequentemente abreviada para *ad lib.* [...] É usada em música, com vários significados.” O que mais se enquadra para esse ocorrido é o seguinte: “Para indicar ao intérprete que pode suspender o andamento indicado originalmente e variar livremente o tempo como bem desejar durante o período determinado, não podendo, porém, alterar as notas.” (WIKIPÉDIA, 2019). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ad_libitum> Acesso em: 18 dez. 2021

²⁹ “Rubato ou tempo rubato, do italiano, tempo roubado, é um termo que se aplica à execução musical e que indica um retardamento ou um abandono momentâneo do andamento estrito - aquilo que é “roubado” em duração a uma ou mais notas é “compensado” mais adiante.” Disponível em: <<https://www.cantarmais.pt/pt/formacao/glossario/R>> Acesso em: 07 jun. 2022.

Fonte: Transcrição de Wcleriton Silveira Lima Santos

Com base na melodia executada pela pescadora dona Eliená, mesmo sabendo que ela executa a melodia em forma de *Ad Libitum*, como já explicamos anteriormente, criamos um quadro comparativo entre cada compasso com relação à melodia original, mostrando seu desenho melódico e explicando as suas diferenças.

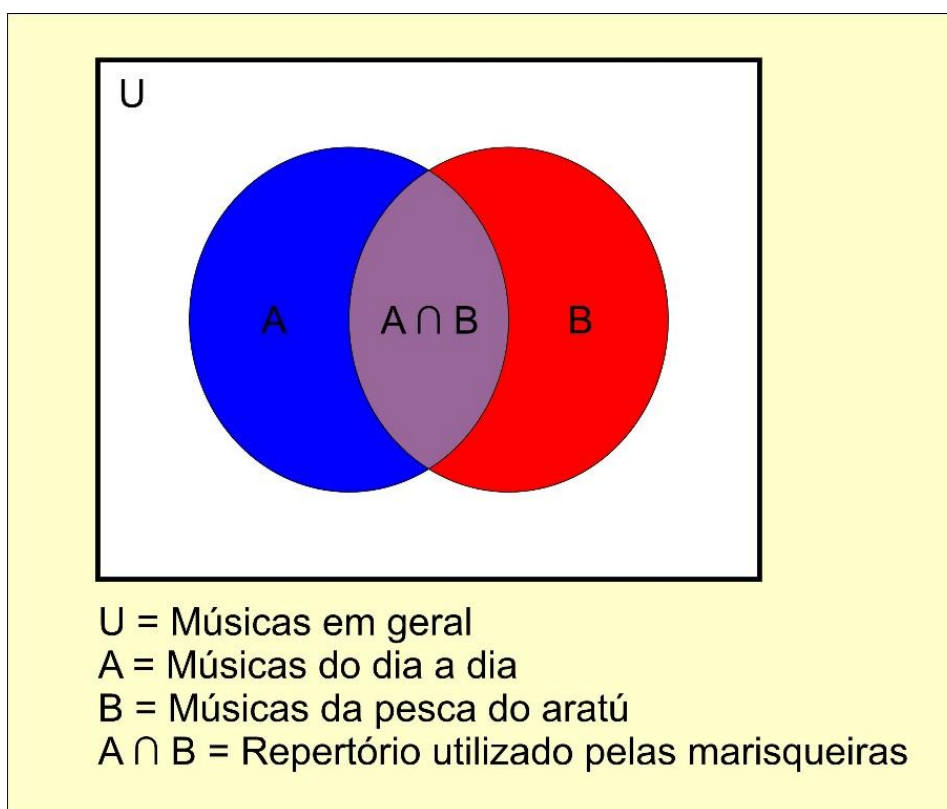
QUADRO COMPARATIVO				
Número do compasso	Execuções		Contorno melódico Original / Dona Eliená	Observações
	Original	Dona Eliená		
1ª				As duas execuções seguem o mesmo caminho melódico, porém D. Eliená altera a divisão rítmica.
2ª				Enquanto a melodia original segue, D. Eliená finaliza ainda a primeira frase.
3ª				Apesar de desenhos parecidos, o original segue sua melodia, enquanto D. Eliená começa a segunda frase alterando a rítmica.
4ª				O original segue rítmica padrão em suas frases e assim executa sua quarta frase, D. Eliená começa sua terceira frase no terceiro tempo do quarto compasso.
5ª				O original inicia sua quinta frase, enquanto D. Eliená finaliza a sua terceira.
6ª				A melodia original mantém seu padrão rítmico e inicia sua sexta frase. D. Eliená executa sua quarta frase.
7ª				O original segue e D. Eliená finaliza a quarta frase com uma semicolcheia no início do compasso.
8ª				O original realiza sua oitava frase, enquanto D. Eliená respira.
9ª				A música original entra na segunda estrofe e D. Eliená inicia sua quinta frase ainda da primeira estrofe.
10ª				O original segue seu padrão rítmico na segunda estrofe, D. Eliená inicia no terceiro tempo sua sexta frase.
11ª				Mantém-se o padrão no original e D. Eliená finaliza sua sexta frase ainda da primeira estrofe.
12ª				A melodia original inicia a última frase da segunda estrofe, enquanto D. Eliená inicia no meio do segundo compasso sua sétima frase.
13ª				O original finaliza a segunda estrofe, D. Eliená finaliza sua sétima frase e inicia sua oitava.
14ª				A melodia original começa a executar o refrão, enquanto dona Eliená finaliza sua primeira estrofe.

Fonte: Wcleriton Silveira Lima Santos

É notório perceber que, no rito da pesca, todos os cantos são válidos. Existem cantos que são peculiares para a pesca, aquelas melodias com poucas notas que são realizadas com assovios e com a utilização de sílabas, e as músicas prontas que são de conhecimento de cada pescadora, aprendidas no seu dia a dia.

Considerando o repertório do rito da pesca, a pesca do aratu consegue levar músicas de fora para dentro, porém as melodias que já são de dentro não saem, são executadas apenas na prática da pesca. Como podemos entender na representatividade dos conjuntos a seguir:

Figura 18: Conjunto Musical



Fonte: Wcleriton Silveira Lima Santos

Pensando em um universo musical representado no gráfico pela letra U, dentro dele estão contidos dois conjuntos. O conjunto A, de cor azul, representando todas as músicas conhecidas e ouvidas no dia a dia da catadora. O conjunto B, de cor vermelha, representando todas as músicas que existem e são utilizadas na pesca do

aratu. Sua intersecção, representado pela cor roxa, representa todas as músicas utilizadas pelas catadoras de aratu no ato da pesca, uma junção de músicas do seu dia a dia como músicas específicas.

Estes cantos de trabalho específicos citados nesta pesquisa estão diretamente ligados às catadoras de aratu do Povoado Porto do Mato, localizado na cidade de Estância/SE. Podendo ser modificado em outras regiões que também realizam este tipo de pesca.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesca artesanal existe há muitos anos e basicamente mantém o seu conceito e seus princípios, sempre utilizando-se de pouco material e sem precisar de tanta força bruta como geralmente acontece nos outros tipos de pesca. Geralmente são realizadas por mulheres, justamente por ser considerada mais fácil de realizar, fazendo uma certa associação machista à virilidade masculina. Porém, ao acompanhar de perto todo o processo, constatamos o quanto é difícil sua execução. É muito complicado conseguir andar com a lama do mangue passando do joelho, e esse fato muitas vezes acontece ainda no embarque, quando nos deslocamos da terra firme para subir na embarcação. Quando as catadoras não dispõem de embarcações, o trajeto até o ponto de pesca tem que ser feito a pé. Depois é outra luta conseguir sair do barco e se locomover em cima das gaiteiras do manguezal, tendo que passar muitas horas ali, praticamente parecendo uma estátua.

São horas cantando, assoviando, se equilibrando, para que, após todo esse processo, as catadoras voltem para suas casas para iniciar imediatamente a segunda etapa, que consiste no cozimento geral feito num fogo de lenha e após ainda tem que dedicar muitas horas para quebrar o crustáceo, serviço que fazem utilizando as mãos, sem a ajuda de nenhum acessório, só então o aratu estará pronto para o consumo e a venda. A partir daí as catadoras já estão prontas para uma nova jornada: a de dona de casa e mãe de família.

Quando pensamos que o aratu é pescado cantando, nos passa pela cabeça várias formas sobre como isso pode acontecer, mas, mesmo já conhecendo as pescadoras anteriormente, é impressionante como toda magia acontece e essa sensação só é possível acompanhando de perto.

Para a realização dessa pesquisa se fez necessário muita pesquisa de campo, acompanhado as catadoras no seu dia a dia, podendo se deparar com outras questões que abalam este tipo de pesca e que nos preocupam muito devido ao desmatamento dos mangues. Chamamos a atenção para o processo de desmatamento dos manguezais, efeito que não afeta apenas a pesca do aratu, também outros tipos de pesca, dificultando a manutenção dos ecossistemas ali

presentes e também a vida da população ribeirinha antes que tudo isso não faça parte de um passado.

É impressionante o crescimento da construção de viveiros de camarão na região. Além da preocupação das catadoras com a falta do crustáceo em locais onde geralmente era abundante, isso também tem grande influência da utilização de lanternas na pesca predatória, que ocorre à noite.

Após todo trabalho realizado, percebemos que esta é uma área de pesquisa bem abrangente e com poucas referências. Esperamos que, a partir deste trabalho, novas pesquisas acerca do acervo musical utilizado sejam feitas em Sergipe e em outras regiões, para que no futuro possamos talvez criar um catálogo com essas melodias e resgatar outras antigamente utilizadas, divulgando entre as comunidades para que elas conheçam sua história e até para que possam aumentar seu repertório de pesca.

Outra sugestão de pesquisa a respeito do tema seria a associação da etnomusicologia com outras áreas, como a biologia e a física, para que assim possamos cientificamente entender o que acontece com o aratu do ponto de vista fisiológico. O porquê de ele ser atraído pelo som, e de que forma ele é atraído pelo som.

Essa atração que o aratu sente pelo som é impressionante quando acompanhada ao vivo, uma vez que quando as catadoras começam a cantar e assoviar, os aratus não se intimidam e vem ao encontro das catadoras, atraídos pelas mais variadas melodias. Numa visão de observador, parece até que os crustáceos já conhecem as vozes das catadoras. Melodias de todos os tipos são executadas repetidamente em todo rito de pesca. Muitas delas, utilizadas apenas no processo de pesca, seguem alguns padrões intervalares e tessituras próximas, o que nos faz pensar que a atração do aratu é feita por esse fator, mas de repente surge entre essas melodias outras músicas sem padrões específicos que são executadas e também atraem a atenção dos crustáceos.

Após toda pesquisa foi possível entender o quão importante é todo esse rito de pesca e o quão ele está próximo de nós sem darmos uma devida importância e valorização ao trabalho.

REFERÊNCIAS

AD LIBITUM. In : WIKIPÉDIA. 2019. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ad_libitum> Acesso em: 18 dez. 2021.

ANDRADE, Mário de. **Ensaio sobre a música brasileira**. 3ª ed. Livraria Martins Editora S.A. São Paulo. 1972.

ARAÚJO, Ana Rosa da Rocha; et al. **Boletim Estatístico da Pesca nos Litorais de Sergipe e Extremo Norte da Bahia – 2014**. São Cristóvão: Editora UFS, 2016.

ANACRUSE. In: ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO MUSICAL. **Glossário Canta Mais** 2015 a 2021. Disponível em:
<<https://www.cantarmais.pt/pt/formacao/glossario/a/2>> Acesso em: 19 nov. 2021.

BRANDÃO, B.; DOS SANTOS, J. A. B. A valorização dos produtos tradicionais através da indicação geográfica: o potencial do aratu de Santa Luzia do Itanhy. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, Blumenau, v. 4, n. 2, p. 149-175, dez. 2016. ISSN 2317-5443. Disponível em:
<<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/rbdr/article/view/5383>>. Acesso em: 22 jan. 2020.
doi:<http://dx.doi.org/10.7867/2317-5443.2016v4n2p149-175>.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades e Estados**. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/se/estancia.html>> Acesso em: 28 out, 2021.

BRITO, Cíntia da Hora. Aprenda a pescar aratu. In: **Youtube**, 2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=AtDMiE5luYY>>. Acesso em: 14 out. 2021.

DESTAQUE NOTÍCIAS. **Mangue Seco, onde reina o aratu**. 2021. Disponível em: < <https://www.destaquenoticias.com.br/mangue-seco-onde-reina-o-aratu-5/>>. Acesso em: 18 out, 2021.

DOMINGO ESPETACULAR. **Sereias do mangue**: conseguem pegar aratu sem colocar a mão no mangue. In: Youtube, 2016. Disponível em:
< <https://www.youtube.com/watch?v=bPfTsOy3o2k>>. Acesso em: 14 out. 2021.

ESCOLA, Equipe Brasil. "Édison de Souza Carneiro". In: **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/biografia/edison-souza-carneiro.htm>>. Acesso em: 08 nov. 2021.

FELDENS, Dinamara Garcia; NASCIMENTO, Ana Cristina do; SANTOS, Aldenise Cordeiro. Rua da Palha e suas marisqueiras quilombolas: o feminino, ritual, cultura e a educação. In: VI COLÓQUIO INTERNACIONAL: EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE. **Anais 2012**. São Cristóvão, setembro de 2012. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10183/39/113.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2020.

FERREIRA, G. C.; VIANNA, B. Canto e encanto do encontro do aratu com o humano. In: **Desafios da Alteralidade: Antropologia na Universidade Federal de Sergipe**. p.231-262. Editora UFS. São Cristóvão, 2019.

FERREIRA, G. C. **O (en)canto e o encontro no mangue**: o ritual da captura do aratu em Porto do Mato/SE. 2019. 100f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

FIGUEIREDO, Marina M. A mariscagem e as mulheres na baía do Iguape-BA. In: 1º SEMINÁRIO DE ESPAÇOS COSTEIROS. **Anais 2011**. Salvador, setembro de 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/secosteiros/article/view/14669>>. Acesso em: 13 out. 2021.

FIGUEIREDO, M. M. A.; PROST, C. O trabalho da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal. **Revista Feminismos**, v. 2, n. 1, 2014

FRAZÃO, Dilva. **Resumo da biografia de Luís da Câmara Cascudo**. EBIOGRAFIA 2021. Disponível em: < https://www.ebiografia.com/luis_da_camara_cascudo/> Acesso em: 05 nov. 2021.

_____. **Resumo da biografia de Mário de Andrade**. EBIOGRAFIA 2021. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/mario_andrade/> Acesso em: 05 nov. 2021.

FREITAS, A. E. T. S.; SANTOS, M. C. F. Aspectos biológicos do aratu-da-praia *Plagusia depressa* (Fabricius, 1775) (Crustacea: Brachyura: Grapsidae) ao largo de Tamandaré (Pernambuco – Brasil). **Bol. Téc. Cient. CEPENE**, Tamandaré, v. 10. n.1, p. 187- 206, 2002.

FONSECA, E. J. de M. Cantos de Trabalho: modos e modas na atualidade. In: Sonoros ofícios: cantos de trabalho: circuito 2015/2016 – Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2015, p. 10-27.

GOIABEIRA, F. dos S. L.; **Riscos ocupacionais e medidas de proteção na pesca artesanal:** Características da atividade de mariscagem. 2012. 120f. Dissertação (Mestrado em Medicina) – Departamento de Medicina, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

GOMES, Roseane Cristina Santos. **Caracterização Geoambiental do Povoado Porto do Mato Estância/SE: Uma Análise do Lugar.** Programa Regional de Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2007

JESUS, Roseni Santana de. Pescador e marisqueira: identidades em conflito. In: V SÉMINÁRIO DA PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS: CULTURA, DESIGUALDADE E DESENVOLVIMENTO. **Anais 2015**, p. 01-20. Cachoeira, 2015. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/sppgcs2015/images/roseni.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

MACIEL, D. C.; ALVES, A. G. C. Conhecimentos e práticas locais relacionados ao aratu *Goniopsis cruentata* (Latreille, 1803) em Barra de Sirinhaém, litoral sul de Pernambuco. **Biota Neotrop**, 9(4) 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1676-06032009000400002>>. Acesso em: 22 jan. 2020.

MENDONÇA, Cécilia de. **A Coleção Luiz Heitor Corrêa de Azevedo:** música, memória e patrimônio. 2007. 124f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MENEZES, A. P.; ARAÚJO, M. S. L. C.; CALADO, T. C. S. Bioecologia de *Goniopsis cruentata* (Latreille, 1803) (Decapoda, Grapsidae) do complexo estuarino-lagunar Mundaú/Manguaba, Alagoas, Brasil. **Natural Resources**, v. 2, n. 2, p. 37-49, 2012.

MENEZES, M. L.G. G. **Estudo sócio-geoambiental em manguezal do sul do estado da Bahia:** Utilização do Crustáceo *Goniopsis cruentata* (LATREILLE, 1803) como bioindicador de contaminação por metais. 2013. 103f. Dissertação (Mestrado em Geoquímica) – Departamento de Geoquímica, Universidade Federal de Bahia, Salvador, 2013.

MOTIVO. In: ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO MUSICAL. **Glossário Canta Mais** 2015 a 2021. Disponível em:
<<https://www.cantarmais.pt/pt/formacao/glossario/m/3>> Acesso em: 19 nov. 2021.

MOURA, N. F. O. de; COELHO, P. A.; SOUZA, R. F. de. A pesca artesanal do aratu, *Goniopsis cruentata* (Latreille, 1803) (Crustacea, Brachyura, Grapsidae) no Litoral Norte de Pernambuco-Brasil. **Bol. Tec. Cient. CEPENE**, v. 11, n. 1, p.109-115, 2003.

NATTIEZ, J. J.; COELHO, L. de L. (trad.); LACERDA, M. B.(trad.). Etnomusicologia. **Revista Música**, v. 20 n. 2 – Dossiê Música em Quarentena Universidade de São Paulo, 2020, p.417-434.

NONATO, Diogo Oliveira et al. Radiodocumentário O Barco Que Voa no Impulso do Fogo. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXII Prêmio Expocom 2015 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação**. Universidade Tiradentes. Aracaju, 2015, p. 01-08. Disponível em:
<<https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/expocom/EX47-1141-1.pdf>> Acesso em: 04 de nov. 2021.

NOVA Geografia de Sergipe, 1996.
Disponível em: <https://pt.slideshare.net/professoruilson/geografia-de-sergipe> Acesso em: 22 out. 2021.

NOVELLI, Y. S.; Situação atual do grupo de ecossistemas: “Manguezal, Marisma e Apicum” incluindo os principais vetores de pressão e as perspectivas para sua conservação e usos sustentável. In: **Grupo de ecossistemas: manguezal, marisma e apicum**. São Paulo, 1999.

OSTINATO. In: ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO MUSICAL. **Glossário Canta Mais** 2015 a 2021. Disponível em:
<<https://www.cantarmais.pt/pt/formacao/glossario/O>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

PACHECO, Cláudia; BAÊ, Tutti. Canto - Equilíbrio entre corpo e som: Princípios da fisiologia vocal. Editora Irmãos Vitale. 1ª edição. São Paulo, 2020.

RAMIRES, M.; BARRELLA, W.; ESTEVES, A. M. - Caracterização da pesca artesanal e o conhecimento pesqueiro local no Vale do Ribeira e litoral sul de São Paulo. **Revista Ceciliana** 4(1), 2012, p. 37-43.

RUBATO. In: ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO MUSICAL. **Glossário Canta Mais** 2015 a 2022. Disponível em:

< <https://www.cantarmais.pt/pt/formacao/glossario/R> > Acesso em: 07 jun. 2022.

SANTANA, Sheila Zacarias da Cruz; LOUREIRO, Carlos Frederico; ALMEIDA, Tamires Barros de. Mulheres marisqueiras: uma categoria “às margens” das políticas públicas. In: VII JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS. **Anais...** Manaus, 2015, p. 01-13.

Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/322926948_MULHERES_MARISQUEIRA_S_uma_categoria_as_margens_das_politicas_publicas>. Acesso em: 13 out. 2021.

SANTOS, M. do C. F.; BOTELHO, E. R. de O.; CORREA, F. M.; ALMEIDA, L.; SILVA, C. G. M. da. Aspectos populacionais do aratu *Goniopsis cruentata* (LATREILLE, 1803) (DECAPODA, GRAPSIDAE) no manguezal de caravelas (BAHIA – BRASIL) **Bol. Téc. Cient. CEPENE**, Tamandaré - PE - v. 19, n. 1, p. 27-36, 2013.

SANTOS, Wcleriton S. L. Melodia utilizada para pescar aratu. In: **Youtube**, 2022.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xlafYaQkj8I>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

_____. Melodia utilizada para pescar aratu 1. In: **Youtube**, 2022.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WJsHWrlYD6g>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

_____. Melodia utilizada para pescar aratu 2. In: **Youtube**, 2022.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SO2TqlxdLsM>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

_____. Ostinato. In: **Youtube**, 2022.

Disponível em: <https://youtu.be/pnmjJ_ft3eI>. Acesso em: 28 jan. 2022.

_____. Vem cá aratu. In: **Youtube**, 2022.

Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=UqsvEcxHPQg> >. Acesso em: 28 jan. 2022.

SERGIPE. Mapas e Cartogramas. In: **Observatório de Sergipe**. Disponível em: <<https://www.observatorio.se.gov.br/app/mapascartogramas>>.

Acesso em: 22 out. 2021.

SERGIPE. **Sergipe tem nova divisão hidrográfica.** 2016. Disponível em: <<https://www.se.gov.br/noticias/desenvolvimento/sergipe-tem-nova-divisao-hidrografica>>. Acesso em: 22 out. 2021.

APÊNDICE – Termos de participação consentida



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

O PAPEL DA MÚSICA NO PROCESSO DE PESCA DO ARATU NO POVOADO PORTO DO MATO EM ESTÂNCIA/SE (título provisório)

Acadêmico(a): Wcleriton Silveira Lima Santos
Orientador(a): Profa. Dra. Mackely Ribeiro Borges

TERMO DE PARTICIPAÇÃO CONSENTIDA

Pelo presente instrumento, eu, ARLENE OLIVEIRA DA
COSTA

concedi entrevista para o(a) estudante Wcleriton Silveira Lima Santos, material que será utilizado na elaboração de seu Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Sergipe.

Autorizo a gravação em áudio e/ou vídeo desta entrevista e de entrevistas futuras que possam ser necessárias: ☒ Sim () Não

Autorizo a utilização do meu nome no texto das publicações: ☒ Sim () Não

Autorizo a captação fotográfica das instalações, equipamento, encontros, observações e a utilização destas imagens no corpo do trabalho de conclusão de curso: ☒ Sim () Não

Após ler estas regras, entendi o propósito do referido estudo e, estando em perfeitas condições de participar do mesmo, isento o avaliador e a instituição à qual ele pertence de qualquer responsabilidade que exceda ao explicitado no presente Termo.

Arlene Oliveira da Costa

Assinatura

Estância, 28 de OUTUBRO de 2021.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

O PAPEL DA MÚSICA NO PROCESSO DE PESCA DO ARATU NO
POVOADO PORTO DO MATO EM ESTÂNCIA/SE
(título provisório)

Acadêmico(a): Wcleriton Silveira Lima Santos

Orientador(a): Profa. Dra. Mackely Ribeiro Borges

TERMO DE PARTICIPAÇÃO CONSENTIDA

Pelo presente instrumento, eu, CARLOS ALBERTO PEREIRA DOS SANTOS
concedi entrevista para o(a) estudante Wcleriton Silveira Lima Santos, material que será utilizado na elaboração de seu Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Sergipe.

Autorizo a gravação em áudio e/ou vídeo desta entrevista e de entrevistas futuras que possam ser necessárias: ☒ Sim () Não

Autorizo a utilização do meu nome no texto das publicações: ☒ Sim () Não

Autorizo a captação fotográfica das instalações, equipamento, encontros, observações e a utilização destas imagens no corpo do trabalho de conclusão de curso: ☒ Sim () Não

Após ler estas regras, entendi o propósito do referido estudo e, estando em perfeitas condições de participar do mesmo, isento o avaliador e a instituição à qual ele pertence de qualquer responsabilidade que exceda ao explicitado no presente Termo.

Carlos Alberto Pereira dos Santos

Assinatura

Estância, 13 de NOVEMBRO de 2021.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

O PAPEL DA MÚSICA NO PROCESSO DE PESCA DO ARATU NO
POVOADO PORTO DO MATO EM ESTÂNCIA/SE
(título provisório)

Acadêmico(a): Wcleriton Silveira Lima Santos
Orientador(a): Profa. Dra. Mackely Ribeiro Borges

TERMO DE PARTICIPAÇÃO CONSENTIDA

Pelo presente instrumento, eu, DJALMA JOSÉ DE JESUS

concedi entrevista para o(a) estudante Wcleriton Silveira Lima Santos, material que será utilizado na elaboração de seu Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Sergipe.

Autorizo a gravação em áudio e/ou vídeo desta entrevista e de entrevistas futuras que possam ser necessárias: ☒ Sim () Não

Autorizo a utilização do meu nome no texto das publicações: ☒ Sim () Não

Autorizo a captação fotográfica das instalações, equipamento, encontros, observações e a utilização destas imagens no corpo do trabalho de conclusão de curso: ☒ Sim () Não

Após ler estas regras, entendi o propósito do referido estudo e, estando em perfeitas condições de participar do mesmo, isento o avaliador e a instituição à qual ele pertence de qualquer responsabilidade que exceda ao explicitado no presente Termo.

Djalma José de Jesus
Assinatura

Estância 26 de OUTUBRO de 2021.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

O PAPEL DA MÚSICA NO PROCESSO DE PESCA DO ARATU NO
POVOADO PORTO DO MATO EM ESTÂNCIA/SE
(título provisório)

Acadêmico(a): Wcleriton Silveira Lima Santos
Orientador(a): Profa. Dra. Mackely Ribeiro Borges

TERMO DE PARTICIPAÇÃO CONSENTIDA

Pelo presente instrumento, eu, ELIENÁ DO NASCIMENTO
SOBRINHO

concedi entrevista para o(a) estudante Wcleriton Silveira Lima Santos, material que será utilizado na elaboração de seu Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Sergipe.

Autorizo a gravação em áudio e/ou vídeo desta entrevista e de entrevistas futuras que possam ser necessárias: ☒ Sim () Não

Autorizo a utilização do meu nome no texto das publicações: ☒ Sim () Não

Autorizo a captação fotográfica das instalações, equipamento, encontros, observações e a utilização destas imagens no corpo do trabalho de conclusão de curso: ☒ Sim () Não

Após ler estas regras, entendi o propósito do referido estudo e, estando em perfeitas condições de participar do mesmo, isento o avaliador e a instituição à qual ele pertence de qualquer responsabilidade que exceda ao explicitado no presente Termo.

Elia do Nascimento Sobrinho
Assinatura

Estância, 13 de NOVEMBRO de 2021.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

O PAPEL DA MÚSICA NO PROCESSO DE PESCA DO ARATU NO
POVOADO PORTO DO MATO EM ESTÂNCIA/SE
(título provisório)

Acadêmico(a): Wcleriton Silveira Lima Santos
Orientador(a): Profa. Dra. Mackely Ribeiro Borges

TERMO DE PARTICIPAÇÃO CONSENTIDA

Pelo presente instrumento, eu, JOSEFA BISPO DO NASCIMENTO

concedi entrevista para o(a) estudante Wcleriton Silveira Lima Santos, material que será utilizado na elaboração de seu Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Sergipe.

Autorizo a gravação em áudio e/ou vídeo desta entrevista e de entrevistas futuras que possam ser necessárias: ☒ Sim () Não

Autorizo a utilização do meu nome no texto das publicações: ☒ Sim () Não

Autorizo a captação fotográfica das instalações, equipamento, encontros, observações e a utilização destas imagens no corpo do trabalho de conclusão de curso: ☒ Sim () Não

Após ler estas regras, entendi o propósito do referido estudo e, estando em perfeitas condições de participar do mesmo, isento o avaliador e a instituição à qual ele pertence de qualquer responsabilidade que exceda ao explicitado no presente Termo.

Josefa Bispo do Nascimento
Assinatura

Estância, 13 de NOVEMBRO de 2021.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

O PAPEL DA MÚSICA NO PROCESSO DE PESCA DO ARATU NO
POVOADO PORTO DO MATO EM ESTÂNCIA/SE
(título provisório)

Acadêmico(a): Wcleriton Silveira Lima Santos
Orientador(a): Profa. Dra. Mackely Ribeiro Borges

TERMO DE PARTICIPAÇÃO CONSENTIDA

Pelo presente instrumento, eu, LUZITANIA CARDOSO

RODRIGUES

concedi entrevista para o(a) estudante Wcleriton Silveira Lima Santos, material que será utilizado na elaboração de seu Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Sergipe.

Autorizo a gravação em áudio e/ou vídeo desta entrevista e de entrevistas futuras que possam ser necessárias: ☒ Sim () Não

Autorizo a utilização do meu nome no texto das publicações: ☒ Sim () Não

Autorizo a captação fotográfica das instalações, equipamento, encontros, observações e a utilização destas imagens no corpo do trabalho de conclusão de curso: ☒ Sim () Não

Após ler estas regras, entendi o propósito do referido estudo e, estando em perfeitas condições de participar do mesmo, isento o avaliador e a instituição à qual ele pertence de qualquer responsabilidade que exceda ao explicitado no presente Termo.

Luzitania Cardoso Rodrigues

Assinatura

Estância, 13 de NOVEMBRO de 2021.